



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS – CAMPUS PALMAS
LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

VALNOISA ALVES SILVA

**TOPONÍMIA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO: BOA
ESPERANÇA, PRATA, MUMBUCA E RIO NOVO**

Palmas -TO
2022

VALNOISA ALVES SILVA

**TOPONÍMIA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO: BOA
ESPERANÇA, PRATA, MUMBUCA E RIO NOVO**

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado ao Instituto Federal do Tocantins-
campus Palmas, como requisito parcial para
aprovação no curso de licenciatura em Letras-
Habilitação em Língua Portuguesa.

Professora orientadora: Profa. Dra. Ana
Lourdes Cardoso Dias

Palmas -TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

S586t Silva, Valnoisa Alves
Toponímia das comunidades Quilombolas do Jalapão: Boa Esperança,
Prata, Mumbuca e Rio Novo. / Valnoisa Alves Silva. – Palmas, TO, 2022.
64 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação
em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2022.

Orientador: Dr. Ana Lourdes Cardoso Dias

1. Toponímia. 2. Comunidades Quilombolas, Jalapão. 3. Memória Oral.
I. Dias, Ana Lourdes Cardoso. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e
pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

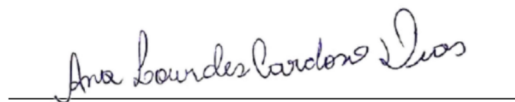
VALNOISA ALVES SILVA

**TOPONÍMIA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO: BOA
ESPERANÇA, PRATA, MUMBUCA E RIO NOVO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao
Instituto Federal do Tocantins campus- Palmas como
requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em
Letras- Habilitação em Língua Portuguesa.

Professora Orientadora: Profa. Dra. Ana Lourdes
Cardoso Dias.

Aprovado em: 02/06/2022.



Profa. Doutora Ana Lourdes Cardoso Dia (Presidente)
IFTO – *CAMPUS* PALMAS



Profa. Doutora Verônica Ramalho Nunes (Membro a Banca)
IFTO – *CAMPUS* PALMAS



Profa. Doutora Mirelle da Silva Freitas (Membro da Banca)
IFTO – *CAMPUS* PALMAS

Aos meus pais, Dorilene e Quirino, pelo incentivo e apoio durante o curso de Letras. Aos meus irmãos, Wesley, Jeane, Welton e Ranyere.

AGRADECIMENTOS

É com grande alegria que chego ao final de uma jornada que durou quatro anos, foram momentos felizes e de muito aprendizado, vividos no IFTO. Ao longo desse percurso, conheci pessoas que certamente levarei para toda minha vida, colegas de turma e professores do curso de Letras. Hoje, o meu sentimento é de gratidão, pois, apesar de todas as dificuldades encontradas, nunca me permiti desanimar.

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele eu não seria nada, sua graça e bondade não permitiram que eu desanimasse na finalização deste trabalho de conclusão de curso.

Aos meus pais, Dorilene Alves Pereira e Quirino da Silva Rodrigues, que sempre estiveram presentes, e por muitas vezes, foram minha inspiração e impulso para não desistir na fase final deste trabalho. Tudo por vocês dois, sempre me incentivaram nos estudos, e nunca mediram esforços para me ver formada.

Aos meus irmãos, Wesley, Jeane, Welton e Ranyere pelo apoio e palavras de carinho.

Às minhas colegas no curso de Letras, Flávia, Andressa e Ana Caroline, pela amizade e companheirismo, com vocês a caminhada se tornou mais leve, mediante as palavras de carinho e parceria de sempre.

Ao meu namorado, Ramon Gloria Reis pela paciência, palavras de conforto, compreensão e incentivo. Que possamos compartilhar muitos momentos juntos.

À minha orientadora, professora Ana Lourdes Cardoso Dias, pelos ensinamentos, amizade, apoio, compreensão e por ter aceitado com carinho e paciência me orientar neste trabalho.

À banca examinadora, composta pelas professoras Verônica Ramalho Nunes e a Mirelle da Silva Freitas por terem aceitado ler e contribuir com o meu trabalho

A todos os professores do curso de Licenciatura em Letras - IFTO por todos os ensinamentos durante este percurso.

*O homem, de um modo geral, só nomeia aquilo que conhece,
pois não se dá nome ao desconhecido.*

Maria de P. Amaral Dick

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo sobre as motivações linguísticas e ambientais que levaram a nomear quatro comunidades quilombolas situadas na região do Jalapão, sendo elas: Boa Esperança, Prata, Mumbuca e Rio Novo, situadas nos municípios de São Félix-TO e Mateiros-TO. Para tanto, a abordagem no qual norteia esse trabalho é a Onomástica, disciplina que trata do estudo sobre os nomes próprios, que se divide em duas áreas. A Toponímia se encarrega de compreender os nomes de lugares, que é o enfoque desta pesquisa, enquanto a Antroponímia estuda o porquê dos nomes de pessoas. Diante disso, realizou-se um estudo de caráter interdisciplinar, em que a linguística dialoga com a História e Geografia. Quanto à orientação metodológica, optou-se pela pesquisa qualitativa, bibliográfica e explicativa. Os pressupostos teóricos fundamentam-se, principalmente, nas contribuições teóricas de Dick (1990, 1992, 2004, 2013) e Solís (2018), por tratar da Onomástica e da Toponímia; com relação a etimologia utilizamos os dicionários de Cunha (2007), Houaiss (2001) e Holanda (2004); para falar da importância da memória oral no resgate do contexto formativo das comunidades fundamentou-se principalmente nos trabalhos de Halbwachs (2003) e Achard (2015). A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas no aplicativo WhatsApp, baseando-se na história de vida, colocando-se à disposição para ouvir as memórias do participante que fala sobre si próprio. Também foram utilizados mapas e publicações em sites do Estado do Tocantins. Para análise, utilizou-se o modelo taxionômico desenvolvido por Dick (1990, 1992), adaptado conforme os propósitos da pesquisa. A partir dos resultados obtidos, é possível constatar que foram os fatores socioculturais e físico-ambientais que influenciaram nas nomeações dessas comunidades. Além disso, os topônimos foram criados a partir de eventos comuns à realidade em que cada comunidade estava exposta no ato da nomeação.

Palavras-Chave: Toponímia; Comunidades Quilombolas; Memória Oral; Jalapão.

ABSTRACT

This work consists of a study on the linguistic and environmental motivations, which led to the naming of four quilombola communities located in the Jalapão region. They are: Boa Esperança, Prata, Mumbuca and Rio Novo, located in the municipalities of São Félix-TO and Mateiros-TO. Therefore, the approach that guides this work is Onomastics, a discipline that deals with the study of proper names, which is divided into two areas. Toponymy is responsible for understanding the names of places, which is the focus of this research, while Anthroponymy studies the reason for the names of people. Therefore, an interdisciplinary study was carried out, in which linguistics dialogues with History and Geography. The methodological orientation was qualitative, bibliographic, explanatory and descriptive. Bibliographic insofar as academic works already carried out in some communities were consulted. Explanatory and descriptive through the use of oral memory, of those communities without written record, regarding the training period. To this end, the theoretical assumptions are mainly based on the theoretical contributions of Dick (1990, 1992, 2004, 2013) and Solís (2018), as they deal with Onomastics and Toponymy; with regard to etymology, we used the dictionaries of Cunha (2007), Houaiss (2001) and Holanda (2004); to address the importance of oral memory in rescuing the formative context of communities was based mainly on the works of Halbwachs (2003) and Achard (2015). Data collection took place through semi-structured interviews on the WhatsApp application, based on life history, making oneself available to listen to the memories of the participant who talks about himself. Maps and publications on Tocantins websites were also used. For analysis, the taxonomic model developed by Dick (1990, 1992) was used. This model was adapted according to the research purposes, containing what was necessary. From the results obtained, it is possible to verify that the socio-cultural, physical-environmental factors influenced the nominations of these communities. In addition, the toponyms were named after events common to the reality to which each of them was exposed.

Key words: Toponymy; Quilombola Communities; oral memory; Jalapão.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Microrregião do Jalapão, Parque Estadual do Jalapão e as comunidades quilombolas.....	30
Mapa 2- Região do ciclo do ouro.....	33
Mapa 3- Localização de Mateiros-TO.....	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Taxionomia de Natureza Física.....	24
Quadro 2: Taxionomia de Natureza Antropocultural.....	25
Quadro 3: Modelo de ficha lexicográfico-Toponímica.....	45
Quadro 4: Ficha Lexicográfica-Toponímica adaptada de Dick (2004)	46
Quadro 5: Classificação do Topônimo de <i>Boa Esperança</i>	47
Quadro 6: Classificação do Topônimo de <i>Mumbuca</i>	48
Quadro 7: Classificação do Topônimo <i>Prata</i>	49
Quadro 8: Classificação do Topônimo <i>Rio Novo</i>	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1- LÉXICO, ONOMÁSTICA E TOPONÍMIA.....	13
1.1 LÉXICO.....	13
1.2 FORMAÇÃO DO LÉXICO PORTUGUÊS.....	15
1.3 A ONOMÁSTICA.....	18
1.4 TOPONÍMIA: SIGNO TOPONÍMICO E O SIGNO LINGUÍSTICO.....	19
1.5 CLASSIFICAÇÕES TAXONÔMICAS.....	24
CAPÍTULO 2- CONTEXTO HISTÓRICO DAS COMUNIDADES.....	28
2.1 A MICROREGIÃO DO JALAPÃO.....	28
2.2 CONTEXTO DE FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES.....	31
2.3 MEMÓRIA ORAL: CONTRIBUIÇÕES.....	35
2.4 COMUNIDADE QUILOMBOLA MUMBUCA.....	36
2.5 COMUNIDADE RIO NOVO (AS' QUILOMBOLAS RIOS)	38
2.6 COMUNIDADE QUILOMBOLA PRATA.....	39
2.7 COMUNIDADE QUILOMBOLA BOA ESPERANÇA.....	41
CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	43
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	58

INTRODUÇÃO

Em princípio, a história dos nomes de lugares apresenta-se em qualquer espaço físico, uma pluralidade de fatores motivacionais que envolvem a escolha de um nome, ocasionando em ocorrências relacionadas aos fatores do ambiente, natureza física, ou aqueles que se referem ao homem e meio, natureza antropocultural. O ato de nomear é antigo, surge a partir do momento que os núcleos humanos, começam delinear seus territórios e a identificar as regiões que iam ocupando. Uma vez que, um nome reflete a vivência do homem enquanto indivíduo e membro de uma comunidade, a nomeação por ele exercida, é o reconhecimento do papel que um lugar desempenha e significa para este indivíduo (DICK, 1990).

Nessa perspectiva, este trabalho consiste na realização de um estudo sobre a toponímia de quatro comunidades quilombolas situadas na região do Jalapão. As comunidades são estas: Boa Esperança, Prata, Mumbuca e Rio Novo. Inicialmente, os questionamentos que impulsionaram a realização deste estudo foram: Por que as comunidades Boa Esperança, Prata, Mumbuca e Rio Novo têm esses nomes? Quais fatores históricos, socioculturais, físico-ambientais influenciaram nas nomeações dessas comunidades? Os moradores nomearam suas localidades a partir das coisas rotineiras da sua realidade e cultura?

Diante dessas indagações e a partir do que se observa em um primeiro momento, na estrutura linguística destes topônimos, elaborou-se a hipótese: as comunidades mencionadas anteriormente, foram nomeadas a partir dos aspectos mais próximos à realidade de cada uma. Portanto, as nomeações dessas localidades partiram dos acontecimentos situacionais ao qual o nomeador esteve exposto. E a relação com os aspectos do ambiente de vivência, optou-se por nomear essas comunidades também com o mesmo nome.

A escolha dessa temática surgiu ainda no primeiro período do curso de Letras, a partir do desenvolvimento de um projeto de pesquisa sobre a comunidade Quilombola Boa Esperança, na disciplina de metodologia do trabalho científico. Inicialmente, foi percebido que não havia informações precisas sobre o histórico de formação dessa comunidade, tendo que recorrer a memória oral. A partir desse contexto, surgiu o interesse em realizar o estudo sobre a toponímia das outras comunidades quilombolas próximas a Boa Esperança, tais como Mumbuca, Rio Novo e Prata.

Dessa maneira, através da pesquisa toponímica dessas localidades e a memória oral será possível contribuir para o resgate desse histórico formativo, além de servir como registro documental e acervo histórico para as gerações futuras da comunidade. Conforme Dick (1992), a Toponímia, ao refletir a vivência do homem, desempenha um importante papel para a história de um povo, conservando suas tradições e os registros de suas características.

Ademais, observa-se também que ainda há poucas pesquisas na área da linguística e da toponímia, em comunidades Quilombolas no estado do Tocantins. Ao realizar esse estudo, contribuirá também para os estudos sobre o léxico-toponímico no estado. Além disso, por meio do contexto histórico das comunidades, construído através da memória oral, será possível valorizar a identidade cultural dessas pessoas. O objetivo geral dessa pesquisa consistiu em investigar quais fatores linguísticos, sócio-históricos e culturais motivaram as nomeações das comunidades quilombolas já mencionadas, na região do Jalapão. Buscou-se também compreender as relações entre língua, cultura e sociedade marcadas no léxico toponímico que contribuíram para a escolha dos nomes dessas localidades.

Quanto aos objetivos específicos traçados no início da pesquisa, buscou-se organizar uma base de dados com aspectos conceituais da Onomástica e da Toponímia. Em seguida, descrever o contexto histórico e formativo de cada comunidade, construído a partir da memória oral e escrita. E por último, categorizar os dados em ficha léxico-toponímicas, para então interpretar os topônimos levando em consideração seus aspectos estruturais e sociocontextuais, e então realizar a análise dos dados obtidos.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos, sendo que o primeiro irá tratar da formação do léxico de um modo geral, e em seguida como se deu a formação do léxico do português. Depois, os aspectos conceituais correspondentes a Onomástica, ciência responsável por estudar os nomes próprios de uma maneira geral. Em um tópico seguinte, faz-se necessário a abordagem referente aos conceitos da Toponímia, bem como uma descrição do seu histórico, principais autores e suas contribuições, sendo área responsável pelo estudo dos nomes de lugares, no qual se insere esta pesquisa.

O segundo capítulo refere-se ao contexto histórico de cada comunidade selecionada. Em um primeiro momento, faz-se necessário abordar o contexto referente ao ciclo do ouro. Justifica-se essa abordagem ao fato de algumas comunidades terem iniciado nesse período histórico. Em seguida, apresenta-se a abordagem sobre a memória oral, importante para os estudos toponímicos que ajudam a contar a história sobre o

contexto formativo das comunidades, e um tópico referente a cada comunidade selecionada. No terceiro e quarto capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos, depois a análise e discussão dos dados. Além disso, apresenta-se a considerações finais e as referências que fundamentaram este trabalho.

CAPÍTULO 1- LÉXICO, ONOMÁSTICA E TOPONÍMIA

Neste capítulo, serão abordados aspectos conceituais da Linguística e Onomástica, que formam a base para fundamentação teórica desta pesquisa. Em um primeiro momento, serão apresentados alguns aspectos gerais a respeito do Léxico, passando pela formação do Léxico Português e seu panorama histórico. Em seguida, a Onomástica que estuda os nomes próprios em geral e a toponímia, que estuda os nomes de lugares.

1.1 LÉXICO

Em princípio, ao levarmos em consideração o conceito de léxico, em seu sentido lato, do grego *lexicon* é o sinônimo de vocabulário, o inventário completo dos vocábulos de uma língua dicionarizada (CARVALHO, 2009). Para Isquerdo e Krieger (2004), na história das diferentes civilizações a palavra sempre foi o principal elemento responsável pela comunicação, sendo mensageira de valores pessoais e sociais, traduzindo a percepção do homem sobre o mundo. Dessa forma, considerando o léxico como tradução do pensamento do homem em diferentes momentos da história, essa se torna uma razão para que seu estudo implique também o papel de resgatar a cultura.

De acordo com Silva (2014), o estudo do léxico não se compreende as palavras de modo isolado, leva-se em consideração as ideologias, aspectos políticos, manifestações religiosas de uma sociedade. De modo que, este reflete no acervo lexical de uma língua, o que interpreta o pensamento do homem em um dado momento da história. Nesse contexto, o léxico não se resume em nomenclaturas, mas tem ligação direta com a história e a cosmovisão de um povo.

Pode-se afirmar que, o léxico de uma língua se relaciona diretamente com os falantes, pois as palavras são criadas e reformuladas a todo instante pelos indivíduos de uma comunidade. Na concepção de Biderman (2001), o léxico é como patrimônio da comunidade linguística, por isso, os falantes atribuem conotações particulares aos lexemas em seus usos discursivos a todo instante, podendo agir sobre sua estrutura, alternando-o constantemente, gerando a semântica na construção de significados. Dessa maneira, a semântica se estrutura em torno desses dois polos: indivíduo e sociedade, e a partir dessa relação que surge o léxico.

A esse respeito, Rio-Torto (2006), também defende que o estudo do Léxico não se configura e não se limita somente a abordagens que envolvem a morfologia das

unidades lexicais, a semântica e a sintaxe, pois antes de todas elas leva-se em consideração o discurso-pragmático que os falantes fazem dela. A autora destaca que o Léxico em sua percepção deve ser encarado como um elemento da língua que tem por função produzir, armazenar, processar e transmitir signos que os falantes utilizam para raciocinar e produzir enunciados verbais.

Dessa maneira, o estudo do léxico se volta em torno de três áreas denominadas, as ciências do léxico que, conforme destacam Isquierdo e Krieger (2004), o estudo do percurso histórico das disciplinas que se encarregam de estudar as palavras, se dividem em três áreas que nem sempre estão diretamente relacionadas, que são elas: a Lexicologia área de estudos voltados para o léxico; a Lexicografia, que se encarrega de estudar a problemática em dicionários e propõe técnicas para elaborar obras de referência linguística, e por último, a Terminologia, disciplina voltada para o estudo teórico e aplicado do termo, voltando-se para estudo científico da unidade lexical em diferentes contextos.

Os estudos voltados para a unidade lexical demonstram de forma prática como o homem através da palavra cria termos a fim de nomear a sua realidade. De acordo com Biderman (2006), é a partir da palavra que as entidades podem ser identificadas pelos seres humanos, e através dessa nomeação cria um universo significativo por meio da linguagem. Por conseguinte, a atividade de nomear é resultado do processo de categorização, está por sua vez fundamenta-se na capacidade de distinção entre traços percebidos ou que foram apreendidos no sistema cognitivo, e em seguida que ocorre o ato de nomeação. Por isso, é no processo de categorização que se baseia a semântica, e dessa maneira que o homem aprendeu a relacionar palavras a conceitos.

Nesse sentido, Biderman (2006), ainda ressalta que o léxico de uma língua se constitui como uma forma de registrar o conhecimento do universo. A partir do momento que o homem começa a dar nomes as coisas que o cerca, este as classifica simultaneamente. Dessa maneira, a nomeação é considerada a primeira etapa do percurso científico. A autora conclui que, ao identificar semelhanças e fazer essa distinção que individualizam esses referentes em realidades diferentes, o homem foi estruturando seu conhecimento, criando palavras e termos a essas realidades e a partir desse processo de nomeação que gerou e gera o léxico.

A autora demonstra dessa maneira que, a partir do processo de categorização o homem gerou e gera a semântica a todo instante. Para Biderman (2006), a expansão do léxico nas modernas culturas e civilizações podem gerar novos neologismos, formando

novos conceitos, e assim o homem cria a todo instante novas palavras de forma imensurável. “E o léxico vai assumindo dimensões gigantescas sendo praticamente impossível registrá-lo e descrevê-lo por meio de um dicionário” (BIDERMAN, 2006, p. 35).

Em seguida, faz-se necessário falar sobre a formação do Léxico Português importante para esse estudo.

1.2 FORMAÇÃO DO LÉXICO PORTUGUÊS

De acordo com Piel (1989), o léxico de uma língua como português é um organismo vivo complexo quanto a sua composição, este é o resultado de um intenso trabalho de elaboração e seleção. Assim como outras línguas de cultura, nunca será possível reconstituir todas as fases que o português percorreu, bem como as contribuições das muitas gerações que colaboraram para que a língua portuguesa se tornasse no que conhecemos hoje nos dicionários modernos. O percurso de evolução dessa língua demonstra que ela nunca esteve inerte, sempre evoluiu constantemente em ritmo mais lento outro mais acelerado.

Para o autor, vale ressaltar a etimologia enquanto ciência que se encarrega de estudar a origem das palavras. Enquanto estudo da palavra em seu sentido e evolução, essa disciplina não se contenta em compreender a forma atual de um vocábulo e a sua forma primitiva. Esta por sua vez se esforça para reconstruir a história externa por trás, (fonética) e interna (semântica) por meio dos séculos. Assim, as fontes primordiais do Português começam a ser construídas quando as línguas românicas se encontram no latim falado ou latim vulgar. De todo modo, a história do português começa com a romanização, das regiões que formaram o berço desse idioma. É o momento que adquire aos poucos o seu perfil individual diante das outras línguas românicas, inclusive as hispânicas.

Na visão de Piel (1989), o Português esteve moldado ao longo dos acontecimentos históricos que deram forma a sua nomenclatura. O latim que mesmo tendo atingido uma feição relativamente homogênea acabou se tornando a língua comum das províncias romanas, que assimilara anteriormente sua expansão fora da Itália, alguns elementos de outros idiomas considerados estranhos, dentre eles mediterrâneos, etruscos e gregos. Somente mais tarde incorporou termos comuns dos povos romanos, celtas, ibéricos,

germânicos e outros. O autor resume que o latim foi constituído por um conjunto de palavras a partir de elementos genuinamente Itálico-latino.

Ainda conforme Piel (1989), o vocabulário latino apresenta dois aspectos sociologicamente condicionados, conservador-literário e progressivo-popular, sendo que o último foi decisivo na elaboração do léxico românico. Dessa maneira, o vocabulário coloquial latino é menos conhecido que os dos escritores e poetas. Nesse sentido, somente os idiomas românicos que evidenciam a existência de uma palavra latina vulgar, por exemplo *sossegar* que propõe um vulgarismo SESSICARE.

Segundo destaca Piel (1989), considerando os demais léxicos românicos, o Português apresenta um paralelismo com o castelhano o que não exclui divergências importantes, bem como vozes peculiares aos dois idiomas presentes nas palavras, *pássaros/ pajáro* PASSER (propriamente pardal), *medo/ miedo* < METUS, *comer* < COMEDERE, mais ou menos correspondentes na sua significação, ao fr. *oiseau*, it. *ucello*. O Português apresenta também uma individualidade inconfundível em comparação com o castelhano, a partir de uma atitude conservadora de falares periféricos que refletem nas palavras como: *colmo* < COLMUS, *adro* < ATRIUM, *gume* < ACU:MEN.

Para Piel (1989), o Latim se constituiu a partir de relações com outras línguas por meio do tempo que influenciaram diretamente sua estrutura, e que de certa forma refletem na nomenclatura dos dicionários modernos da Língua Portuguesa. Dessa maneira, o latim foi buscar influências de outras línguas bem como o Germânico, que ainda conforme o autor poucos dos dialetos desse idioma foram transmitidos para as línguas românicas, como: CARPA “carpa” e COFEA “coifa”. Outros dialetos vieram juntar-se a estes na época da dominação dos visigodos, oriundos do idioma desse povo. Alguns dos exemplos mais seguros das palavras mais comuns no Português advindos dos visigodos são: *aleive*, *bando*, *espeto*, *espora*, *espira*, *escanção*, *luva*, *roca*, *ufano*, *arrear*.

De acordo com o exposto, percebe-se que a construção do Português que conhecemos hoje se deve às contribuições advindas de muitas palavras de línguas europeias bem como o germânico. De todo modo, o contexto geral em que se refere as formações de palavras vale ressaltar também os dois processos mais gerais dessa formação, a derivação e composição.

Segundo Basílio (1987), o processo de derivação se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para formar a palavra. Essa definição está expressa nas palavras *retratista* (*retrato* + *ista*), *livreiro* (*livro* + *eiro*), *lavável* (*lava* + *el*),

contemplação (*contempla* + *ação*) *reler* (*re* + *ler*). Percebe-se a forma derivada em todas essas palavras que apresentam a estruturação (*base* + *afixo*) e (*base* + *sufixo*) nas palavras *retratista* e em (*prefixo* + *base*) na palavra *reler*. A autora também destaca que, no processo de derivação, a base de uma forma derivada é sempre uma forma livre, ou seja, a palavra comum que possa por si só constituir um enunciado, bem como ocorre com os verbos, substantivos, adjetivos e advérbios.

Além disso Basílio (1987), acrescenta que, no processo de derivação, os afixos possuem função sintático-semânticas definidas, o que delimitam seus usos e significados das palavras formadas. Dessa maneira, um afixo ou o correspondente processo de adição define sua função, sendo comum na derivação. Portanto, encontra-se afixos de diferentes graus de generalidade, no qual o teor de produtividade está ligado ao grau de generalidade. Por exemplo, a nominalização dos verbos, processo derivacional responsável pela transformação de verbos em substantivos, presentes nos exemplos: *agitar*, *agita* e *amasso*, *amassar*. Na primeira palavra, tem-se a formação de substantivo a partir de verbos e a segunda caracteriza-se pela formação de substantivo + substantivo.

De acordo com a autora, o processo de composição é caracterizado por apresentar a junção de uma base a outra base, para que assim forme uma palavra composta. Esse processo está exemplificado nas formas das palavras como: *guarda-chuva* (*guarda* + *chuva*), *luso – brasileiro* (*luso* + *brasileiro*), *sociolinguístico* (*sócio* + *linguístico*), e *agricultura* (*agri* + *cultura*). A palavra composta apresenta formas presas como aquelas que dependem de termo acessório para sua ocorrência como em *agricultura* ou formas livres como em *chuva* e *guarda*, que têm sentido completo sem a necessidade de outro termo.

Assim, o que caracteriza este processo é sua forma estrutural, no qual cada um tem seu papel definido, ou seja, na composição quando a palavra é formada por substantivo + substantivo, o primeiro funciona como núcleo e o segundo como modificador ou especificador, bem como nos exemplos: *sofá-cama*, *peixe-espada*, *couve-flor*. Já composições por substantivo + adjetivo o núcleo é o substantivo e o adjetivo é o modificador presente nos exemplos: *obra-prima*, *livre-arbítrio*, *caixa-alta* dentre outros (BASÍLIO, 1987).

Segundo Monteiro (2002), na língua portuguesa, entende-se que o processo mais comum de formação de palavras é a composição e derivação. Ambos se diferenciam na medida que a derivação ocorre pela junção de um elemento não dependente a outro. Já na composição, ocorre a junção de duas ou mais formas livres. Ainda conforme o autor, em

síntese ao processo de composição e derivação, entende-se que o léxico da língua não é um sistema fechado, devido a capacidade que o falante tem de criar neologismos e fazer o uso conforme suas necessidades comunicativas. Mas, essa criação deve fundamentar-se em regras precisas, garantindo que os sistemas linguísticos não sofra alterações. Em seguida, será abordado conceitos referentes a Onomástica, ciência que estuda os nomes próprios.

1.3 A ONOMÁSTICA

A onomástica é a ciência responsável por estudar a motivação para escolha dos nomes próprios. Essa ciência se divide em duas grandes áreas, Toponímia e Antroponímia. A Toponímia busca compreender o porquê dos nomes próprios de lugares e a Antroponímia, trata dos nomes próprios de pessoas. De modo geral, conforme postula Dick (1990), a nomeação de seres orgânicos ou inorgânicos, trata-se de uma atividade significativa e complementar ao homem, sobre seu entendimento da realidade que o cerca. Portanto, em um topônimo se manifesta mesmo que de maneira implícita o seu registro de assimilação do mundo.

Para Solís (2018), a Onomástica se refere aos nomes, e estes não são realidades naturais, mas sim idealizadas por uma atividade mental dos homens. De maneira que, os nomes tratam de realidades extralinguísticas, ou seja, aos seus referentes que são entidades da natureza ou cultura. Conforme o autor, o desenvolvimento da Onomástica ocidental, teria insistido na condição dos nomes como léxico de uma língua, tendo a suposição de que os nomes são emissões que necessariamente pertencem a uma classe de palavras de uma língua. Por outro lado, tem-se evidências que estes podem ser de outras classes de entidades linguísticas, bem como frases ou orações de um idioma.

Segundo Dick (1990), entende-se que a nomeação dos nomes de lugares ou pessoas sempre foi atividade pensada pelo homem como forma de dar significado a vida em sociedade. Para Carvalhinhos (2008), o interesse em se compreender como surgiu um nome não é novo, até o século XIX não havia estudos sistematizados sobre a Toponímia. Mas a questão do porquê dos nomes já era pensada no segundo século antes de Cristo pelo gramático Dionísio, sendo responsável pela sistematização da primeira gramática ocidental, é a partir desse contexto que podemos considerar o surgimento da Onomástica, enquanto ciência que estuda os nomes de maneira geral.

Nesse sentido, Dick (1998), destaca que o ato de nomear onomasticamente é diferente da criação da palavra enquanto elemento do léxico e enunciado da língua. No entanto, para se tornar nome, a palavra passa por um processo seletivo e interpretativo, que pressupõe a articulação por parte do nomeador, bem como conceitos, valores, intenções e códigos. Por conseguinte, considera-se o convencionalismo da linguagem ao migrar de um nível para o outro, ou seja, do sistema lexical para o Onomástico, percebe-se que a noção de causa e conduta social do emissor como elementos importantes na construção de uma nomenclatura.

Percebe-se que os elementos constituintes na formação da palavra se deve também por fatores ideológicos que envolvem valores, visão política, religião, sendo característicos da realidade do nomeador. Dessa maneira, é perceptível que o estudo do nome abrange um vasto espaço sugestivo sobre a natureza do nome de lugar ou pessoa, porém, a pesquisa se objetiva em tratar da Toponímia, área que visa compreender a dinâmica dos nomes de lugares. Por conseguinte, será abordado conceitos referente a Toponímia, bem como os estudos nesta área no Brasil.

1.4 TOPONÍMIA: SIGNO TOPONÍMICO E O SIGNO LINGUÍSTICO

Segundo Dick (1990), o ato de dar nome as coisas é uma atividade antiga exercida pelo homem a fim de delinear seu espaço. Assim sendo, a motivação para tal escolha em qualquer espaço físico, apresenta-se em um constituinte rico e sugestivo sobre a natureza dos fatores envolvidos. Desde então, a Toponímia reflete a vivência do homem a partir da designação de um nome de lugar. Enquanto disciplina, começou a se delinear a partir do momento que os núcleos humanos se distribuíram em territórios delimitados, surgindo a necessidade de identificação das regiões que iam ocupando.

Ainda conforme Dick (1990), inicialmente, a Toponímia enquanto disciplina autônoma, encontrou dificuldades quanto a delimitação do seu campo de estudo e a caracterização do seu objeto específico. Assim, dentre as diferentes possibilidades significativas que dão origem ao nome de um lugar e as mais diversificadas informações que dele podem-se obter, resultaria a matéria em um repertório de fatos culturais de amplitude considerável. A Toponímia é uma área interdisciplinar, porque suas questões se inserem em áreas como História, Geografia, Antropologia dentre outros.

Para Dick (1990), a partir dessa constatação é certo que, para que se faça a análise dos fatos toponímicos, é necessário que o pesquisador tenha sua formação intelectual e o seu

espírito crítico. Mas, essas questões de análise, se colocadas em pauta de forma isolada, ou com exclusivismo não torna possível atingir a plenitude dos fenômenos toponímicos. Isto é, porque conforme a autora é válido considerar a Toponímia antes de tudo como um complexo línguocultural, devido aos dados das demais ciências que se interseccionam, na medida que dialoga com outras ciências bem como a História e Geografia.

Por conseguinte Solís (2018), destaca que o interesse pela Toponímia é muito antigo, sendo constituinte e parte da Onomástica. Mas também, destaca-se que é mais antigo ainda, a preocupação com essas particularidades conceituais específicas de uma disciplina singularizada por Onomástica toponímica. Enquanto disciplina que trata dos nomes de lugares, esta, por sua vez assume um papel organizado e estruturado por conceitos e ideias culturalmente determinados, delineando o que conhecemos atualmente por Toponímia. E assim começa a gerar o interesse dos estudiosos em aprofundar os estudos sobre a disciplina.

Assim, para Solís (2018), chama a atenção o desenvolvimento conceitual da Onomástica toponímica, a sua condição de sistema de denominação de lugares determinado por culturas específicas. A sua especificidade levanta questões gerais e as culturais, a relação entre cultura e Toponímia, torna inclusiva assuntos como, cosmovisão, cosmologia e Toponímia, o que torna seu estudo ainda mais importante. A partir dessa afirmação, Solís (2018), ressalta que a Toponímia específica leva a conhecer em uma cultura traços particulares, bem como vários mundos toponímicos, a partir de que existem mundos imaginários específicos comuns a cada cultura.

A Toponímia enquanto disciplina torna-se importante por tratar dos nomes de lugares, de ideologias que, de maneira implícita, um topônimo pode apresentar. É importante mencionar o período histórico dos estudos toponímicos pelo mundo. Segundo Carvalhinhos (2008), o período histórico de sistematização da toponímia surge no século XIX quando Auguste Longnon fundou em Paris a *École pratique des-Hautes études* instituindo a toponímia como disciplina científica. A partir desse momento, surgiu a importante obra **Les nomes de lieu de la France** que, posteriormente, serviria de referência para grandes nomes nos estudos toponímicos, bem como Albert Dauzat ainda no século XIX.

Carvalhinhos (2008), destaca que, mais tarde Albert Dauzat, dentre outras obras, produziu **Les nomes de lieux**, em 1928, impulsionando os estudos toponímicos na França, com o método baseado em áreas como linguística e geografia, que foi utilizado

no atlas Linguístico da França (ALF), de J. Gillirón. Por isso, os estudos de Albert Dauzat, torna-se referência ao se tratar de Atlas Toponímico.

Com relação aos estudos toponímicos no Brasil, a autora afirma que se iniciaram na Universidade de São Paulo em 1934, a princípio, na cadeira de Etnografia e Língua Tupi, dirigida pelos professores Dr. Plínio Ayrosa e Carlos Drumond. Nesse período inicial, os estudos toponímicos no Brasil focam-se na listagem de nomes indígenas, seguidos de sua etimologia, estando muitas vezes relacionada ao estudo do tupi antigo, interesse esse por sua característica de imutabilidade do topônimo no momento de sua fixação, que depois de fixo, não sofre alterações bem como as palavras usuais da língua.

Por conseguinte, a necessidade de dar nomes aos lugares apresenta-se em um espaço rico de sugestões sobre os fatores motivacionais envolvidos. A este respeito, Guiraud (1980), considera que a motivação é uma força criadora, inerente à linguagem social, um organismo vivo de origem empírica, e a língua um sistema de signos que serve para comunicação das ideias. A significação enquanto processo semântico se configura na associação de um objeto ou acontecimento, a um signo que seja capaz de os evocar. O signo é, portanto, um estímulo associado a outro estímulo evocando a imagem mental. Conforme esclarece o autor, destaca-se a importância da universalidade da significação, pois vivemos constantemente entre signos.

A apresentação e a organização dos signos, de acordo com Guiraud (1980, p. 17), é baseada na ideia de que “todo signo é um estímulo associado”, mas suas associações significantes ocorrem de duas maneiras, concebendo a divisão dos signos em duas formas distintas, em naturais e artificiais. Os naturais são baseados na relação entre os fenômenos da natureza, na qual todos os nossos conhecimentos e técnicas constroem uma tomada de consciência (representação) mais ou menos exata de suas relações naturais.

Os signos artificiais, por sua vez, é resultado das invenções humanas, organizadas em dois grupos: aqueles que servem para representar o que é real, por exemplo, um desenho; uma gravação fonográfica e os que são utilizados no ato da comunicação entre os falantes. O autor destaca que os signos iconográficos são todos os modos de representação do real, fotografia, fonografia etc. Por conseguinte, todos os signos de comunicação são essencialmente convencionais, e o seu sentido é resultado de um acordo entre os que empregam.

De acordo com Guirald (1980), no processo comunicativo em que o locutor se comunica com ouvinte, através de signos linguísticos, há nesse processo uma associação psíquica bipolar que é compreendida por dois termos: significante e significado. O seu

estudo é a um só tempo psicológico, lógico e linguístico. Portanto, a respeito do signo, este é considerado arbitrário na medida em que não existe entre o significante e o significado qualquer relação além de uma pura convenção dos locutores, caso contrário é motivado (GUIRAUD,1980).

Nessa perspectiva, conforme Dick (1990), em referência às diferenciações dos signos toponomásticos, a motivação toponímica deve ser vista sob dois pontos de vista. O primeiro diz respeito ao denominador e os motivos que o levaram a nomear dentro um processo significativo de possibilidades. E o segundo, se refere a natureza do produto dessa escolha, ou seja, as substâncias do topônimo que são reveladas por componentes linguísticos. Ainda conforme a mesma autora, o signo toponímico é essencialmente motivado, na medida em que este fato irá condicionar os princípios reguladores da motivação, estruturando propriamente os motivos que são mais evidenciados nos nomes de lugares.

Segundo (1990), é certo que há diversas possibilidades sobre os fatores que podem ter influenciado o nomeador na designação do nome de determinada localidade. No entanto, dentre o conjunto das circunstâncias socioculturais que podem ser considerados em seu mais amplo sentido, de um modo aproximado para a nomeação de um lugar, destaca-se o meio em que o denominador está inserido, conforme (DICK, 1990 p. 50), “o que constitui a realidade que o denominador se integra como membro participante de sua dinâmica, pode facilitar sobre o possível conhecimento que o levaram a nomear naquele momento preciso”

Nesse sentido, entende-se que a cultura de um povo é como um fato representacional, por isso, a identificação de um lugar é uma forma dessa demonstração pela designação do nome. Além disso, conforme aponta Mello (2013), é no léxico toponímico-onomástico que se refletem as manifestações socioculturais, ideologias e a cosmovisão de um povo. Estudá-lo permite a descoberta de fatos históricos, o conhecimento de características físico-geográficas de uma região, e a identificação de crenças religiosas de uma comunidade, confrontando relações com a história, geografia e outras áreas ao mesmo tempo.

Ainda conforme as considerações de Guiraud (1980), sobre a criação das palavras, destaca que todas elas são criações humanas e a partir do momento que são criadas, estas por sua vez adquirem vida própria, ou seja, nós criamos as palavras e elas se criam. O autor destaca sobre os motivos para tal criação que, criamos as palavras com o propósito de dar nomes as coisas pelo fato de que estas ainda não tenham ou porque o nome que

elas tenham, não atende à necessidade dos falantes para aquele momento específico, e para função que esta desempenha. No entanto, o autor destaca ser uma função dupla, cognitiva ou semântica.

Na perspectiva de Dick (1990), o emprego dos signos linguísticos e o signo toponímico, tem sua funcionalidade em especial nas ciências relacionadas aos nomes em geral, sendo mais significativa relacionada à Toponímia. Uma vez que, se tratando do signo linguístico comum na significação, seja na sua arbitrariedade ou motivação iconográfica, há uma aproximação do signo toponímico a um desses conceitos teóricos. A medida que, apresenta sem dúvida alguns traços característicos que o diferencia em razão de sua função onomástica. Assim, na medida em que o topônimo em sua estrutura linguística, adquire a funcionalidade de seu emprego em uma dimensão maior, sendo marcado duplamente, o que era “arbitrário em termos de língua, no ato de batismo do lugar se transforma em motivado não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo” (DICK 1990, p. 39).

Nesse sentido, é importante destacar a estrutura morfológica dos topônimos que, conforme destaca Dick (1992), se apresentam em três formas. O topônimo ou elemento específico simples que é definido por um só formante, sendo, preferencialmente, por um substantivo ou adjetivo. Esse pode aparecer também acompanhado de sufixações, ou seja, diminutivos e aumentativos. O topônimo ou elemento específico composto é aquele com mais de um formador e de origens diversas, do ponto de vista do seu conteúdo, resultando em formações inusitadas necessitando assim da história do local. E por último, é o topônimo híbrido que, por sua vez, em sua configuração apresenta elementos linguísticos de diferentes procedências.

Conforme a mesma autora, ao designar tradicionalmente o nome próprio de um lugar, o topônimo em sua nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que o identifica e com ele um conjunto de relações características, podem ser selecionadas para melhor identificar os seus termos formadores. Nessa perspectiva, a seção a seguir trata das classificações taxonômicas organizadas por Dick (1992). Esse modelo foi construído pela autora para melhor identificar a natureza dos motivos que levaram a escolha dos nomes de maneira geral.

1.6 CLASSIFICAÇÕES TAXONÔMICAS

Percebe-se que são várias as motivações que influenciam e acarretam na escolha do nome de lugar. Com o intuito de compreender e explicar como se deu essas escolhas, Dick (1990), elaborou seu modelo taxonômico com 27 (vinte e sete) taxes que se refere-se aos fatos cósmicos, relacionado ao universo, sendo 11(once) que se referem aos aspectos ambientais, Taxionomia de natureza física e 16 (dezesseis) que se relacionam ao homem e o meio, Taxionomia de natureza Antropocultural. A autora afirma que “o modelo taxionômico deve, portanto, ser interpretado como um instrumento de trabalho que possibilitará, provavelmente, a aferição objetiva das causas motivadoras dos designativos geográficos” (DICK 1990, p. 24). Os dois quadros abaixo demonstram essas duas taxionomias seguidas da explicação para sua respectiva escolha, bem como apresenta-se o modelo de Dick (1990, 1992).

Quadro 1- Taxionomia de Natureza Física

Taxonomia	Referência	Exemplo
Astrotopônimos	Topônimos relacionados aos corpos celestes em geral	Estrela (BA) Saturno (ES)
Cardinotopônimos	Topônimos relacionados às posições geográficas de modo geral.	Praia norte (TO) Goianorte (TO)
Cromotopônimos	Topônimos relativos à escala cromática.	Rio Verde (GO) Rio Negro (AM)
Dimensiotopônimo	Topônimos relacionados às características dimensionais dos acidentes geográficos, bem como extensão comprimento.	Ponte Alta Tocantins (TO) Cachoeira Grande (MA)
Fitotopônimo	Topônimos de origem vegetal, espontânea em sua individualidade	Sucupira (TO) Pequizeiro (TO)
Geomorfotopônimo		Colinas do Tocantins (TO)

	Topônimos relativos às formas topográficas.	Chapada da Natividade (TO)
Hidrotopônimos	Topônimos relacionados aos acidentes hidrográficos em geral.	Lagoa da Confusão (TO) Riachinho (TO)
Litotopônimo	Topônimos de origem mineral relativos também à constituição do solo representada por indivíduos.	Cristalândia (TO)
Meteorotopônimos	Topônimos que se refletem o sentido de forma geométrica.	Curva Grande (AM), Ventania (SP)
Zootopônimo	Topônimos de índole animal representados por indivíduos domésticos.	Peixe (TO), Arraias (TO)

Fonte: Adaptada de Dick (1992)

Quadro 2 - Taxionomia de Natureza Antropocultural

Taxionomia	Referência	Exemplo
Animatopônimo ou Nootopônimos	Topônimos relativos à vida psíquica e espiritual, abrangendo todos os produtos do psíquico humano como fato cultural	Paraíso do Tocantins (TO), Formoso do Araguaia.
Antropotopônimos	Topônimos relacionados aos nomes próprios individuais.	Pedro Afonso (TO), Dianópolis (TO)
Axiotopônimo	Topônimos relacionados aos títulos e dignidades	Presidente Kennedy (TO)
Corotopônimos		Filadélfia (TO)

	Topônimos relacionados aos nomes de cidades países e estados.	
Cronotopônimos	Topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados na toponímia pelos adjetivos novo/nova, velho/ velha.	Novo Acordo (TO), Novo Jardim (TO)
Ecotopônimos	Topônimos relacionados às habitações de um modo geral.	Taipas (TO)
Ergotopônimos	Topônimos relacionados aos elementos da cultura material	Balsas (MA), Pau d'Arco (TO)
Etinotopônimos	Topônimos relacionados aos elementos étnicos isolados ou não	Xambioá (TO), Timbiras (MA)
Dirrematopônimo	Topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos	Há mais tempo (MA) Valha me Deus (MA) ¹
Hierotopônimos	Topônimos referentes aos nomes sagrados de diferentes crenças, sendo crista, hebraica etc.	Natividade (TO), São Bento do Tocantins (TO)
Historiotopônimos	Topônimos relacionados aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como as datas correspondentes.	Carolina (MA)
Hodotopônimos ou odotopônimos	Topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana.	Córrego do Atalho (GO), Passagem Franca (MA)

¹ Os exemplos de duas cidades com o nome Há mais tempo e Valha me Deus refere-se à de taxionomia Dirrematopônimo, aqueles constituídos por frases ou enunciados linguísticos, foram retirados do modelo taxionômico de Dick (1992).

Numerotopônimos	Topônimos relacionados aos adjetivos numerais.	Dois Irmãos (TO)
Poliotopônimos	Topônimos constituídos pelos vocábulos, “Vila”, “Aldeia”, “Cidade” “povoado” “Arraial”	Vila Quixaba (TO)
Sociotopônimos	Topônimos relacionados às atividades profissionais, aos locais de trabalho e pontos de encontro dos membros de uma comunidade	Pescador (MG)
Somatopônimos	Topônimos em relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal.	Pé de boi (SE)

Fonte: Adaptada de Dick (1992)

No próximo capítulo, serão apresentados o contexto histórico que se insere cada comunidade em estudo, bem como o histórico de formação de cada uma, construído por meio da memória oral.

CAPÍTULO 2- CONTEXTO HISTÓRICO DAS COMUNIDADES

Em um primeiro momento, serão abordados, neste capítulo, um panorama sobre a microrregião do Jalapão, território que as comunidades quilombolas selecionadas para este estudo estão localizadas. Em seguida, faz-se necessário apresentar o contexto histórico que relaciona o surgimento das comunidades em estudo, ao período histórico que ocorreu no norte Goiano, atual estado Tocantins. Posto isso, aborda-se o papel da memória oral, relevante para os estudos Toponímicos, no sentido de que as memórias dos participantes, ajudam a compreender como se deu a formação de suas localidades, sendo que algumas comunidades não possuem registros escritos. E por último, serão apresentados os tópicos correspondentes a cada comunidade quilombola.

2.1 A MICROREGIÃO DO JALAPÃO

De acordo com os dados fornecidos pela Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente (SEPLAN, 2003), a microrregião do Jalapão possui um enorme potencial de biodiversidade e turismo. Localiza-se ao extremo leste do estado do Tocantins, a cerca de 260 km da capital Palmas. Assim, os municípios que compõem a região se situam dentro da Área de Preservação Ambiental (APA), criada pela Lei estadual nº 1.172, de 31 de julho de 2000, sendo eles: Mateiros, Novo Acordo e Ponte Alta. Dessa forma nos limites da (APA), tem-se as cidades, São Felix do Tocantins, Lizarda e rio Sono. O Jalapão faz limite com o noroeste da Bahia, sul do Piauí e Sul do Maranhão. Assim, faz divisa com a chapada das Mangabeiras, divisor das bacias do rio São Francisco, rio Parnaíba e rio Tocantins.

A Seplan (2003), informa que para proteger as áreas ambientais e os seus recursos naturais, surgem as unidades de conservação, instituída pelo sistema nacional de unidades de conservação da Natureza (SNUC), amparado pela Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Nesse contexto, para que as unidades de conservação (UC) funcionem, são elaborados o chamado plano de manejo, nele é estabelecido o zoneamento da área e as normas que devem ser seguidas sobre o uso e o manejo dos seus recursos naturais. O objetivo é conscientizar quem vive próximo ou dentro das unidades de conservação, como por exemplo as comunidades quilombolas, sobre o uso sustentável dessas áreas.

Nos dados da Seplan (2003), as unidades de conservação da região do Jalapão visam proteger a fauna, a flora, e os recursos naturais de forma a garantir o

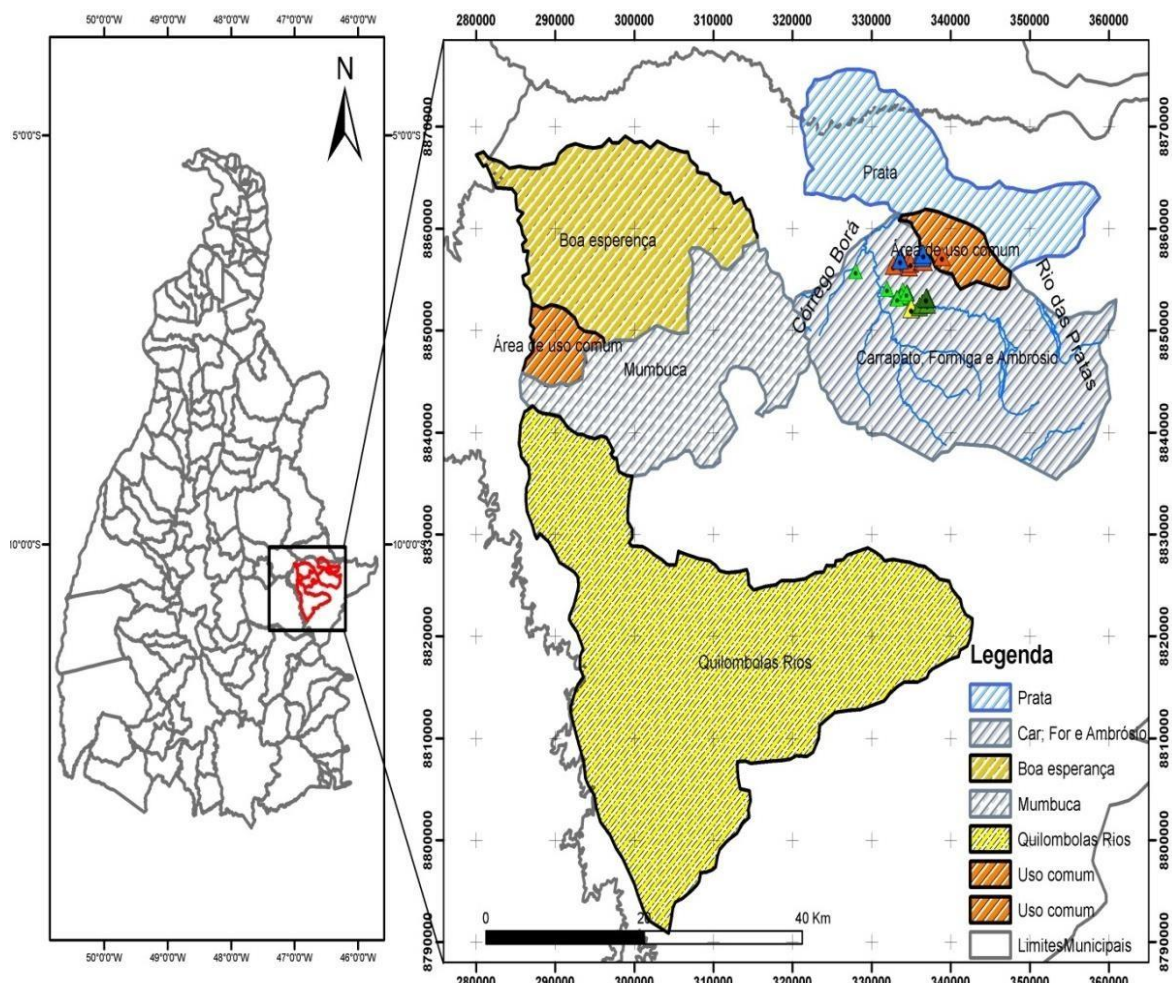
aproveitamento do enorme potencial turístico da região. Essas unidades de conservação no Jalapão são: Parque Estadual do Jalapão (PEJ), APA- Jalapão, e aos arredores estão: Estação Ecológica da Serra Geral do Tocantins, além do Parque Nacional das Nascentes do Rio Parnaíba.

As comunidades quilombolas, Boa Esperança, Rio Novo (As' Quilombolas Rios) e Mumbuca que vivem nesta região, se concentram principalmente dentro do Parque Estadual do Jalapão (PEJ). O parque foi criado pela Lei estadual 1.203 de 12 de janeiro de 2001, representando uma área de 158.885,5 hectares. A área total está concentrada no município de Mateiros, sendo que seus limites atingem os marcos divisórios com os municípios de Ponte Alta, São Felix do Tocantins e Novo Acordo (SEPLAN, 2003).

Como característica dessa região, destaca-se as formações de veredas e várzeas dos diversos rios perenes que concedem vida a região. Dentre os diversos rios e cursos d'água que cortam muitas dessas comunidades, têm-se os rios Sono, Novo, Galhão, Prata, Soninho, Vermelho, Ponte Alta e Caracol. Assim, o território das comunidades em estudo se concentram em sua maioria dentro do Parque Estadual do Jalapão (SEPLAN, 2003).

A esse respeito, Xavier (2019), ressalta que, por meio de diálogos entre as unidades de conservação e as comunidades quilombolas, houve a necessidade de revisão de algumas normas dessas unidades quanto a aceitação, usos e práticas sobre o território. O autor expõe o mapa que representa os limites dos territórios de cada comunidade quilombola. O mapa abaixo representa as comunidades quilombolas, Boa esperança, As' Quilombolas Rios (Rio Novo), Prata, Mumbuca e o Parque Estadual do Jalapão (PEJ).

Mapa 1- Microrregião do Jalapão, PEJ e as comunidades quilombolas



Fonte: SEPLAN, 2012. Referência tese (Xavier, 2019)

O mapa acima representa a região do Jalapão na cor vermelha, no canto esquerdo no mapa do quadrado menor. O território da comunidade Rio Novo (As' Quilombolas rios), representado na cor verde claro. A comunidade Mumbuca em cinza e Boa Esperança também em verde claro. Ao lado esquerdo do mapa, é possível identificar o território correspondente a comunidade Prata, que esta que está situada nos limites de São Félix do Tocantins. Dessa maneira, é possível identificar e perceber a proximidade de cada uma das comunidades quilombola, caracterizando o seu convívio próximo. A seguir, será apresentado o contexto histórico que contextualiza a formação das comunidades atuais.

2.2 CONTEXTO DE FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES

O panorama histórico que contextualiza o surgimento das comunidades remanescentes atuais, estão relacionados ao período do ouro no norte de Goiás, no qual o Tocantins ainda fazia parte. De acordo com Palacin (1994), a corrida pelo ouro teve início a partir do século XVIII, desde então assistia-se no Brasil ao processo que mais tarde, também se repetiria por outras partes do mundo. Diversas expedições e Bandeiras foram organizadas com o objetivo de explorar o ouro. As primeiras explorações ocorreram em Minas Gerais, Cuiabá, Mato Grosso e posteriormente chegam ao território Goiano, através da Bandeira de Bartolomeu Bueno, iniciando a exploração do ouro nesta região.

De acordo com Palacin e Moraes (2008), o primeiro século da colonização no Brasil diversas expedições, entradas e/ou Bandeiras passaram por boa parte do território Goiano. Essas expedições organizadas principalmente da Bahia muitas vezes de caráter oficial, saiam com o intuito de explorar o interior, buscando riquezas e também a captura de índios que serviriam como escravos ou para catequização. As bandeiras que saiam de São Paulo em busca de índios rumo ao extremo norte de Goiás, seguiam em canoas e curso dos rios Parnaíba, Tocantins e Araguaia na volta passavam pelo rio Tietê a São Paulo. A partir de 1630, com o recurso de muares, as bandeiras passaram a fazer o percurso por terra, atravessando de sul ao norte do território Goiano.

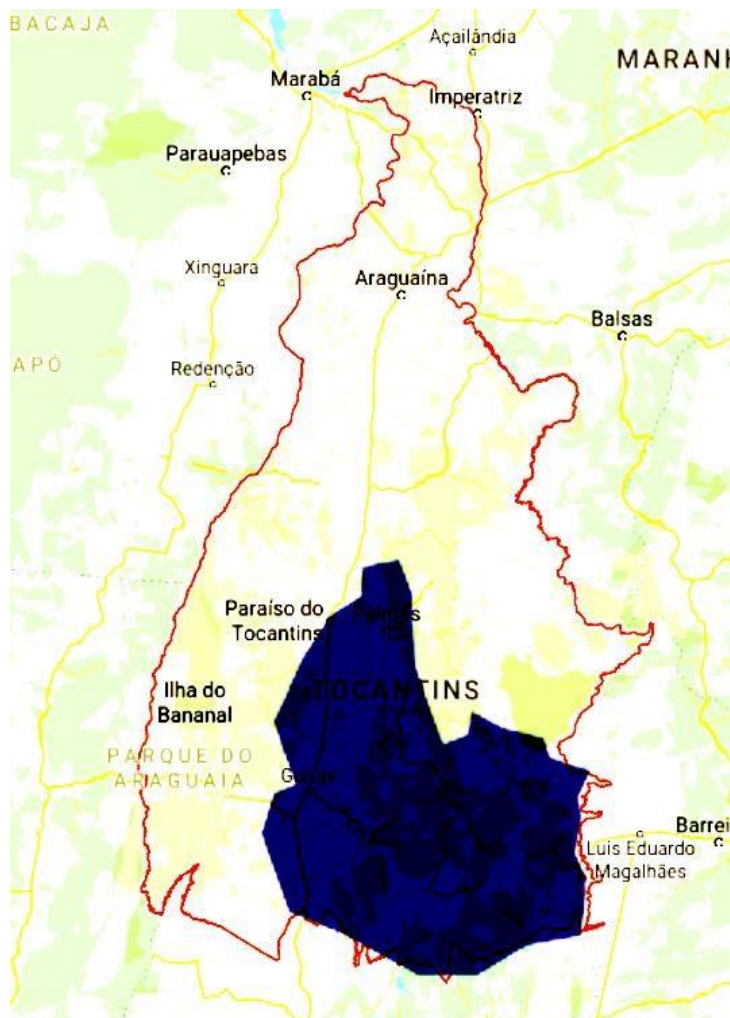
A ocupação do território que mais tarde viria se tornar o estado do Tocantins e Goiás, ocorreu após a descoberta do ouro. O Anhanguera Bartolomeu Bueno da Silva, pediu licença ao rei para chefiar uma bandeira que fosse explorar ouro em Goiás. Após a licença concedida pelo governador, um regimento foi esclarecido de que todos os gastos com a expedição, seriam por conta dos organizadores, que em troca receberiam cargos políticos na região, se descobrissem o ouro. As bandeiras consistiam em uma expedição organizada, e cada um dos participantes entrava com um capital sendo que este correspondia a uma certa quantidade de escravos. A bandeira partiu de São Paulo, em 3 de julho de 1722 e voltou três anos depois, 21 de outubro de 1725, propagando notícias de novos córregos auríferos, nas cabeceiras do rio vermelho (PALACIN E MORAES, 2008).

Conforme Palacin e Moraes (2008), a primeira região a ser ocupada foi o rio vermelho e se formaram ali alguns arraiais, construídos sem nenhuma ordem, irregulares e instáveis. Dentre eles destacam-se o arraial de Sant'Ana depois chamado de vila Boa

mais tarde de Cidade de Goiás no qual foi a capital do território por 200 anos. O povoamento desses arraiais caracteriza-se boa parte pela mão de obra escrava, necessária para exploração do ouro, estima-se que no ano de 1736 já havia nas minas de Goiás 10.263 escravos negros. Para Parente (2007), qualquer estudo que trata da formação dos arraiais no norte Goiano, não estaria completo se não falasse do trabalho escravo, importante para a economia, o desbravamento da área, até a descoberta das minas.

Palacin e Moraes (2008), ressaltam que os arraiais que se formaram no período de exploração do ouro, sendo que alguns se situam no atual estado do Tocantins, surgiram entre 1730 e 1750. De acordo com Apolinário (2007), os primeiros que surgiram foram Maranhão, Água Quente, Natividade, Traíras, São José do Tocantins, Cachoeira, São Félix, Flores, Conceição, Nossa Senhora do Carmo, Cocal e outros. Relaciona-se assim, que a partir desse período é que abre espaço para que mais tarde venha se formar as comunidades quilombolas. No ano de 1780, a população no norte Goiano era de 13.010 habitantes, sendo que 9.019 eram escravos, o que correspondia 69,3% dessa população, concentrada nos julgados de São Félix e Natividade. De acordo com o mapa elaborado por Santos (2019), a área que corresponde aos arraiais que surgirão a partir da mineração aparecem marcada em azul.

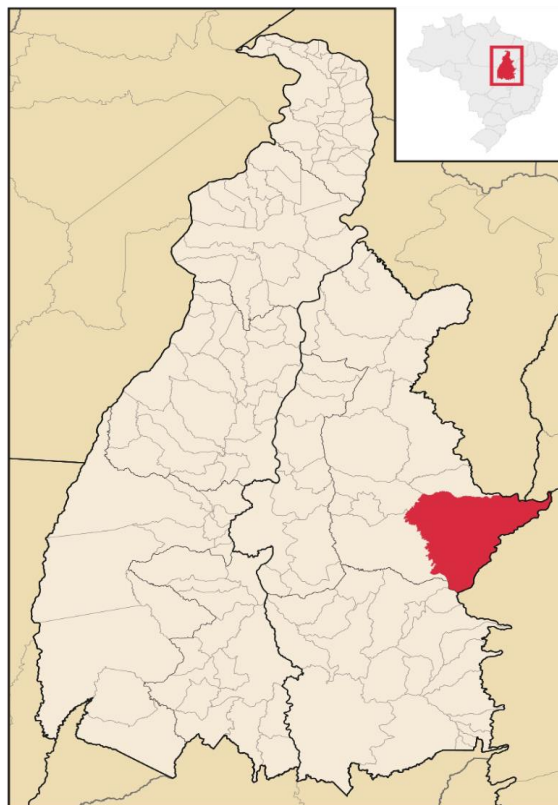
Mapa 2- Região do ciclo do ouro



Fonte: Santos (2019) Mapa elaborado a partir da sobreposição do mapa do estado do Tocantins (Google Maps) com o mapa de Goiás: Contorno Aproximado das Paróquias - 1850, da Procuradoria de Justiça do estado de Goiás.

O mapa 2 acima foi elaborado conforme os estudos de Santos (2019), representando em azul o que corresponde à área de abrangência de alguns arraiais que surgiram no período do ouro. Segundo Santos (2019), o mapa foi elaborado a partir da sobreposição do mapa de 1850, no período colonial, que demonstra em um contorno aproximado do território de formação do que atualmente representa as comunidades, no período do ouro. Em seguida, foi utilizado o Google Maps para demarcar em azul a parte que corresponde aquelas comunidades que se originaram, no que atualmente são os municípios tocantinenses. Alguns deles são: Arraias, Paranã e São José do ouro (Dianópolis) observa-se que a parte em azul corresponde ao território que está situado a região do Jalapão, e conseqüentemente as referidas comunidades tratadas neste estudo.

Mapa 3- Localização de Mateiros-TO



Fonte: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mateiros> Acesso em:25 Acesso em: Fev 2022.

O mapa do Tocantins acima, demonstra a área marcada em vermelho, o que corresponde ao município de Mateiros, onde estão as principais comunidades quilombolas deste estudo. O contexto em que se deu a formação dessas comunidades atuais estão ligadas ao enfraquecimento na exploração do ouro, a formação de outros arraiais e a alforria dos escravos. Conforme aponta os estudos de Apolinário (2007):

Os estudos goianos, que tratam da escravidão na mineração em Goiás colonial, revelam que o montante das concessões de liberdade aos cativos eram influenciados pelo aspecto conjuntural vivido pela referida capitania. “Enquanto o trabalho das minas demandou muitos braços a alforria não era tão desejável aos patrões, e ocorria apenas em ocasiões especiais (APOLINÁRIO, 2007, p. 102)

A partir desse contexto que podemos afirmar que os quilombos formados atualmente tenham se formado a partir desse período. Alguns negros fugidos de outras regiões se instalaram na região que hoje corresponde ao Jalapão, e por conseguinte deu origem as comunidades. As memórias dos entrevistados referem a essa informação na medida em que, a partir dos relatos, estes afirmam que os primeiros moradores, vieram de outros municípios, sejam fugindo da escravidão, seja por causa da seca nos estados da

Bahia e Piauí. A seguir será abordado a memória oral, importante para construção do período de formação das comunidades.

2.3 MEMÓRIA ORAL: CONTRIBUIÇÕES

Sobre o contexto formativo de algumas comunidades quilombolas na região do Jalapão, não constam registros escritos precisos e/ou organizado sobre a história de surgimento dessas localidades. Por isso, recorre-se às memórias orais das pessoas que residem nesses locais, e assim, levanta-se dados que compõem o contexto histórico sobre primeiros moradores, costumes e aspectos religiosos. De acordo com Halbwachs (2003), recorreremos as testemunhas para reforçar e também para completar o que já se sabe sobre um evento, no qual já temos uma breve informação sobre o assunto. Para ele, há dois tipos de memória, a individual e a coletiva.

A memória coletiva é aquela cujas lembranças são relembradas por outras pessoas, mesmo que se trate de um evento que somente este vivenciou. Esclarece que esse fato acontece porque jamais estamos sós, mesmo que outros não estejam materialmente, sempre levamos conosco uma lembrança de outras pessoas. Portanto, os vários relatos e as lembranças vividos em conjunto com outras pessoas formam-se uma só memória coletiva. Ainda conforme o autor, essa perspectiva se baseia na ideia de que os momentos vividos, o indivíduo não está só, pois carrega consigo este ou aquele grupo gravado em sua memória. Não podendo descartar que essas pessoas tiveram essas lembranças em comum com ele (HALBWACHS, 2003)

Na perspectiva Halbwachs (2003), à memória individual, se refere aquelas lembranças que de algum modo foram suprimidas ou apagadas de nossa memória. De modo que, não é possível reencontrar essas lembranças da qual se mantinham em nossa memória de algum evento vivido. Para o autor, a respeito da memória individual, exemplifica o fato de uma pessoa ter feito uma viagem em grupo, e somente um deles guardar particularidades desse momento, no qual nós também deveríamos recordar, mas que não lembramos, mesmo sendo narrado por outro, será incapaz de reconstituir a lembrança apagada. Por outro lado, serão marcados em nós impressões e sentimentos individuais particulares a nós mesmos.

Ainda de acordo Halbwachs (2003), talvez seja conveniente admitir que um número considerável de lembranças apareçam porque outros nos fazem recordá-las. É considerável também admitir que mesmo essas pessoas não estando materialmente

presentes, é que podemos tratar da memória coletiva, quando evocamos um fato presente na vida do grupo no qual fazíamos parte e víamos.

Na perspectiva de Achard (2015), a memória não poderia ser concebida sob apenas um viés. Isto porque, em sua concepção, o papel da memória pode ser visto sob diferentes olhares, o que demonstra sua interdisciplinaridade. Uma vez que, está inserida em questões elementares da História, Semiótica, Sociolinguística e Análise do Discurso. Assim, o papel da memória não se resume a um fator homogêneo ligado a um só viés, acumulado ao modo de um reservatório. Mas, é necessariamente um espaço móvel de divisões, um espaço de desdobramentos, réplicas e contradiscursos. Ainda sobre a memória, o autor destaca que lembrar um acontecimento não é simplesmente jogar uma memória social, de qualquer maneira, sem cuidado. Porém, há necessidade de que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade, reconstruído a partir de dados ligados aos diferentes membros da comunidade ou grupo.

O contexto histórico de cada comunidade abaixo foi organizado através de relatos dos moradores e outros dados obtidos em teses e artigos retirados da internet. De maneira que, será observado que a maioria delas apresentam mais ou menos o mesmo contexto. Pelo fato de que, cada comunidade estar localizada bem próxima umas das outras e por terem surgido pela chegada de migrantes, no período pré e pós abolição. Outro fator crucial para essa ocorrência é o fato das comunidades, Boa Esperança, Mumbuca e Rio Novo, estarem localizadas no município de Mateiros-TO, local de maior concentração de migrantes vindos principalmente de Santa Rita de Cassia oeste da Bahia, provavelmente entre 1840 e 1870 (SANTOS, 2019).

2.4 COMUNIDADE QUILOMBOLA MUMBUCA

De acordo com Lopes (2009), a comunidade quilombola Mumbuca se originou no final do século XIX, a partir da chegada de duas famílias de ex-escravos vindos do sertão Baiano. A autora afirma que essa comunidade surgiu a partir da miscigenação entre índios e negros. A partir de relatos de alguns moradores em meados de 1933, ainda estavam chegando pessoas, que vinham fugidos da seca na Bahia, por isso, estavam em busca de terra com abundância em água. A autora informa ainda que os primeiros a chegaram na localidade, se instalaram, de início, às margens do rio Sono e por ali se abrigaram.

A comunidade quilombola Mumbuca, de acordo com o diário oficial da união, recebeu o certificado de autoidentificação pela Fundação Cultural Palmares, portaria de Nº 2, de 17 de janeiro de 2006, oficializando assim o seu reconhecimento enquanto remanescente de quilombo. Nesse sentido, no século XX, a comunidade dependia de recursos vindos da cidade mais próxima na época, Porto Nacional que correspondia a uma distância de 400 km. Com o passar dos anos essa rota passou a ser passagem para o transporte de carga para o Piauí, Bahia, Ponte Alta e Porto Nacional.

Atualmente a atividade econômica da comunidade se baseia na confecção e comercialização de peças produzidas a partir do capim dourado. Essa técnica comum entre os quilombolas surgiu a partir dessa relação entre índios e negros, e que persiste até hoje. Conforme expõe Mello (2014), a paciência e precisão na confecção das peças como bolsas, suplás e pulseiras o que agregam para essas peças uma teia cheia de valores e símbolos identitários. O autor afirma que, de início, a produção das peças estavam voltadas para utensílios domésticos, a partir de 1990, por meio de ações do governo para dinamizar o Jalapão é que elas passaram a ser comercializadas. O artesanato foi mostrado pela primeira vez ao grande público, em 1993 na I Feira de Folclore comidas típicas do Estado do Tocantins. A confecção das peças é de responsabilidade das mulheres, que gerenciam a produção, distribuição e a renda obtida. Enquanto os homens, cuidam do plantio de feijão, mandioca, milho e algumas hortaliças.

De acordo com os relatos de quem mora na comunidade Mumbuca, cada morador conta ter chegado em uma determinada época. A maioria deles vieram do estado do Maranhão, Piauí e principalmente da Bahia, do município de Santa Rita de Cássia. Essa cidade é bastante mencionada nos relatos dos moradores de cada comunidade pesquisada. Acredita-se que o maior fluxo de migrantes vieram do sertão baiano, conforme aponta os estudos de Santos (2019), o município de Santa Rita de Cássia que se localiza a uma pequena distância da cidade de Mateiros-TO.

Segundo informa a colaboradora (M1), do quilombo no qual afirma que sua comunidade, traz esse nome devido ter o significado de uma abelha, conforme as informações obtidas no artigo de Lopes (2009) e Mello (2014). Para a moradora, havia também uma fazenda aos arredores que com o mesmo nome, também correspondente essa espécie de abelha. Outro aspecto relevante que podemos ressaltar sobre essa comunidade é a religião, no qual a grande maioria dos moradores é evangélico. De acordo com Lopes (2009) a religião se instaurou de fato entre eles a partir de 1970, a partir de uma missão evangélica dirigida por um grupo norte-americano.

2.5 COMUNIDADE RIO NOVO (AS' QUILOMBOLAS RIOS)

A comunidade quilombola Rio Novo fica localizada no município de Mateiros-TO e é composta por outros três distritos que juntos formam o nome oficial em seu certificado de autoidentificação “Comunidade de margens do Rio novo, Rio Preto e Riachão”. Mas, que é popularmente conhecida somente por comunidade quilombola Rio Novo. De acordo com o diário oficial da união, a fundação cultural Palmares declarou oficialmente por meio da portaria Nº 87, de 30 de julho de 2014, a sua autoidentificação como remanescente de quilombo. A explicação para tal escolha se deve ao fato de que essa comunidade está localizada as margens do Rio Novo, e por isso abrange os demais nomes das comunidades aos arredores.

O contexto formativo dessa comunidade apresenta controversas quanto ao ano exato de povoamento. Assim como as demais comunidades quilombolas citadas neste trabalho, essa se originou a partir de pessoas que possivelmente migraram dos estados próximos, bem como Piauí e Maranhão. Outra versão contida nas falas dos moradores é que seus antepassados chegaram no local vindos da Bahia, mas cada um conta sobre um ano diferente que chegou na comunidade, o que possivelmente confirma a hipótese de que o povoamento se deu a partir da migração dos estados já mencionados em anos distintos, fugidos da seca, buscando melhores condições de vida.

A comunidade Mumbuca localizada próximo a comunidade Rio Novo, o que pode ser visualizado a partir do mapa na página 30, em que mostra a proximidade do território de cada uma, marcado em cinza e Rio Novo (Quilombolas Rios) em verde claro. De acordo com Lopes (2009), Mumbuca teria se formado por meio da chegada de duas famílias de negros vindas da Bahia que se instalaram no porto do rio Sono. Na medida os outros migrantes povoaram essa região e se espalharam pela área, chegando também no que teria originado atualmente a comunidade Rio Novo.

É o que pode ser visto também no trabalho de Santos (2019), que traz o relato de um morador da comunidade Rio Novo. O colaborador (R1) conta que sua avó e seu pai chegaram ao Jalapão vindos da Bahia no ano de 1925. Para tanto, chama atenção em sua fala o fato de que o sobrenome da maioria das pessoas que vivem na comunidade é “Almeida Silva” que segundo ele é herança de quem veio do estado Baiano. Esse colaborador relata também que sua família e outras, ao chegarem nesse território, depararam com muitos índios habitantes do local. A autora traz o relato da segunda moradora da comunidade Rio Novo, a colaboradora (R2) conta que seus pais vieram

também do estado Baiano fugidos da seca e da fome, o que relaciona com as informações contidas no artigo de Lopes (2009).

A comunidade teria se originado desse contexto, a partir de migrantes, o que é confirmado na fala do colaborador (R3) atual liderança do Quilombo Rio Novo. Ele conta o que sabe sobre sua comunidade é o mesmo que já se nota nas demais falas de outros moradores, o que pode ser observado neste trecho: *“acontece que a comunidade Rio Novo tem esse nome por que está às margens do Rio Novo, habitat do pato mergulhão, é um rio muito bonito de água transparente”*. (...) aos 150 anos atrás chegaram algumas famílias pra essa região e se instalaram as margens desse rio porque encontraram terras que pudessem cultivar a agricultura familiar durante a seca e o período chuvoso”.

A partir dos relatos aqui mencionados sobre a referida comunidade quilombola, que tem seu contexto histórico formado por migrantes, que habitaram as margens do Rio Novo, dando origem posteriormente a comunidade.

2.6 COMUNIDADE QUILOMBOLA PRATA

A comunidade Prata, diferente das outras tratadas neste estudo, está localizada a 20 km do município de São Félix do Tocantins, por sua vez, é considerada uma das localidades remanescentes mais antigas da região do Jalapão. Conforme publicado no Diário Oficial da União, pela portaria N^o 2, de 17 de janeiro de 2006, a Fundação Cultural Palmares declarou oficialmente a comunidade do Povoado Prata como remanescente de quilombo.

A colaboradora (P1) do quilombo Prata, conta que seu bisavô teria contribuído para nomeação do Rio Prata. O rio está localizado dentro da comunidade e, por esse motivo, o lugar também se chamada Prata. Apesar do reconhecimento tardio da comunidade como remanescente de quilombo, apenas em 2006, a colaboradora (P1) afirma que a comunidade teria por volta de 180 anos ou mais. Nesse sentido, podemos observar o seu relato no seguinte trecho: *“na verdade essa é uma comunidade em torno de uns 200 a 180 anos (...) Foi os mais velhos, primeiros moradores um dos moradores lá foi Inocência que era meu bisavô que colocaram esse nome no córrego”*.

O histórico formativo da comunidade se deu, ainda conforme relatos dessa mesma moradora, a partir da migração das primeiras famílias advindas de estados vizinhos ao Tocantins, bem como Bahia e Maranhão. Relacionando com as informações obtidas nas

outras comunidades mencionadas, essa também se formou pela chegada de pessoas que se fixaram no local, sendo migrantes.

No caderno de *saberes e fazeres Quilombolas Plano de Gestão Territorial*, plano de manejo elaborado por membros das associações de quilombos do Jalapão. Foram obtidos relatos de outros moradores da comunidade, que relaciona ao período que ela se formou. O colaborador (P2) conta que mora no povoado desde que se casou em 1973 e a partir daí construiu sua casa no alto da campina. Já seu pai se mudou para a comunidade em 4 de outubro de 1958. A partir da fala desse colaborador, é possível observar que o povoamento se deu pela chegada dessas pessoas em anos distintos, no qual cada um se instalou e começou a cultivar sua terra, assim como se observa no contexto das comunidades anteriores. Conforme aponta Santos (2019), a maioria dessas migrações para o Jalapão teriam ocorrido em meados dos anos de 1830 e 1870, a partir da migração proveniente principalmente do município de Santa Rita de Cássia na Bahia, ano de redução da escravidão, fome e seca nesse período no estado baiano.

De acordo com o plano de gestão territorial, destaca-se a atividade econômica do povoado que se encontra de forma bastante variada, com a produção de hortaliças, feijão, farinha, cana de açúcar, plantas medicinais como: hortelã, gervão, babosa e laranja. Praticamente, todos os moradores produzem algo para vender na cidade mais próxima, São Félix. Dentre essa alta produção, destaca-se a comercialização da laranja, bastante comum na região, sendo a atividade agrícola a principal fonte de renda. Além disso, o capim dourado e o turismo ecológico se tornaram atividades de grande renda. O artesanato vem crescendo por lá desde os anos 2000, mas o turismo é recente de modo que o investimento em pousadas e restaurantes começou a ser pensado pelos moradores há pouco tempo.

Na religião, predomina o catolicismo em que todos os anos acontece as novenas em comemoração ao festejo de Santo Antônio, na igreja local, predominando os costumes e a tradição dos mais velhos. Dentre os eventos mais comuns, está a festa da rapadura, organizado pela associação dos artesãos e pequenos produtores rurais do povoado Prata. Essa festa teve início no ano de 2014 com o intuito de divulgar aos visitantes o processo de produção da Rapadura, ou tijolo com muitos preferem chamar. O fato é a produção é bastante comum e em grandes quantidades.

2.7 COMUNIDADE QUILOMBOLA BOA ESPERANÇA

A comunidade quilombola Boa Esperança, está localizada no município de Mateiros-TO. Para se chegar nesse local, é necessário fazer um percurso de aproximadamente dez quilômetros, a partir do município de São Félix até as margens do rio Sono. Outro percurso que pode ser feito para se chegar a essa comunidade é seguindo o caminho pelo município de Mateiros-TO. De qualquer modo, é preciso fazer uma travessia pelo rio em cima de uma Balsa, improvisada pelos próprios moradores. Em seguida, é necessário percorrer uma trilha de aproximadamente cinco quilômetros, o que dá acesso às primeiras casas da comunidade, no qual uma casa está sempre distante da outra. É por esse percurso que os moradores conseguem ir até a cidade mais próxima, São Felix, todos os dias para ter acesso a escola e para vender os alimentos que são cultivados na comunidade, tais como: farinha, hortaliças, buriti e feijão.

Atualmente, os moradores vivem sob comando da associação organizada pelas pessoas que residem no lugar. A associação tem por objetivo lutar pelo direito às terras que pertenceram aos seus familiares. Para isso, são realizadas as reuniões que acontecem a cada três meses, e que todos os associados devem pagar um valor fixo de cinco reais por mês, como ajuda de custo em questões relacionadas as demandas da associação.

Para esse povoado em questão, não se tem datas exatas muito menos um acervo documentado com a ordem dos acontecimentos históricos, somente as poucas lembranças dos antigos moradores. De acordo com Silva e Dias (2021), a comunidade teve seu reconhecimento como remanescente de quilombo em 2 de fevereiro de 2015. Ainda segundo as autoras, e o relato da colaboradora (B1) da comunidade, no início, a comunidade dependia de mantimentos vindos de Formosa, cidade mais próxima do quilombo na época. Nesse contexto, outras pessoas começaram a migrar para Boa esperança, vindas de outros municípios, o que deu forma e origem a comunidade. De acordo com o relato do colaborador (B2) mais antigo do lugar, quando ele se mudou para localidade já havia outras famílias no local.

É importante destacar os afazeres e como vivem essas pessoas, contidas no caderno intitulado “Saberes e fazeres Quilombolas” produzido pelos estudantes das comunidades quilombolas do Jalapão. De acordo com o colaborador (B3) que também é presidente da Associação de Boa Esperança, fala de sua abundante produção na lavoura afirmando que possui uma roça para cada alimento produzido. “Começamos em novembro de 1984 aqui nós plantamos Mandioca, feijão, cana”. Com relação a religião,

prevalece o catolicismo, predominando as rezas, os festejos, bem como a folia de Reis que ocorre todos os anos. Além disso, destaca-se o festejo de São Sebastião realizado todos os anos, que acontece nos dias 11 ao dia 20 de janeiro.

Ainda conforme o colaborador (B3), a comunidade Boa Esperança tem esse nome devido aos primeiros moradores, sendo que eram migrantes de outros estados. Assim, ao chegarem no porto do rio Sono e ao se depararem com a terra, com boas condições para o plantio, decidiram nomear o lugar de “Boa Esperança”. Segundo esse colaborador, naquele momento, as pessoas sentiram que seria esperança de melhoria em suas vidas. E assim se deu o nome da comunidade. Em seguida, um pequeno córrego localizado dentro da comunidade, uma passagem como eles preferem chamar também foi nomeado como Boa Esperança, por causa da comunidade. No próximo capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para essa pesquisa.

CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos que foram fundamentais para conduzir esta pesquisa, bem como os instrumentos para coleta e análise dos dados. A metodologia utilizada neste trabalho é de cunho qualitativo. Essa abordagem busca evidenciar os dados de forma mais aprofundada com foco no caráter subjetivo do objeto analisado. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa se preocupa com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados, objetivando-se na compreensão da dinâmica das relações sociais.

A pesquisa também é de caráter bibliográfico, uma vez que para compreender o processo de formação de cada comunidade e outras partes da pesquisa, foram consultados trabalhos acadêmicos já realizados em algumas comunidades, documentos, artigos científicos, dissertações e teses impressos e/ disponíveis na internet. Utilizou-se também como fonte de informação a memória oral, de alguns moradores das comunidades quilombolas selecionadas. Essa escolha se justifica que se percebeu que algumas comunidades entre as selecionadas para esta pesquisa não possuíam documentos escritos sobre sua formação. Por isso, recorre às lembranças de quem vive no lugar.

Além disso, este trabalho também apresenta aspectos das pesquisas explicativas e descritivas, Conforme Kauark, Maranhães (2010), a pesquisa explicativa busca compreender os fatores que contribuem para ocorrência dos fenômenos, e aprofunda-se no conhecimento da realidade, explicando a razão e o porquê das coisas. A descritiva, por sua vez, visa descrever as características do fenômeno pesquisado.

Para a coleta de dados, foram utilizados mapas, listas de nomes, publicações em site do estado do Tocantins. Já a respeito da história, da cultura e de outros aspectos socioculturais, utilizou-se de materiais publicados e áudios gravados através do aplicativo WhatsApp, em que moradores das comunidades foram respondendo às perguntas direcionadas para a história e a vida social do lugar. Assim sendo, foram selecionados três integrantes de cada comunidade com o critério de que tenha nascido ou que tenham morado no local desde a infância e com idade acima de 40 anos. Com relação a duração dos áudios, o informante ficou livre para estabelecer o tempo necessário para cada gravação. Para direcionar os áudios, utilizou-se o método sobre a história de vida que, de acordo com Brasileiro (2021), trata-se de uma técnica em que o pesquisador se coloca à disposição para ouvir as memórias do participante que fala sobre si próprio, revelando

fatos sobre si e o grupo social ao qual faz parte, a autora acresce sobre essa metodologia que:

A efetivação de tal metodologia qualitativa requer a construção de uma confiança mútua, que permitirá ao participante trazer à tona fatos significativos, que possam não apenas revelar traços indenitários, mas também relações com os grupos sociais, profissionais ou familiares, dos quais faz parte (BRASILEIRO, 2021, p. 87).

Os moradores que fizeram parte da pesquisa são conhecidos da pesquisadora e com isso, torna-se mais fácil estabelecer a confiança mútua. A escolha do aplicativo WhatsApp se justifica pelo momento de isolamento social, em que a sociedade brasileira estava passando devido à pandemia de covid-19, quando também se iniciou a coleta dos dados. Para ter acesso as entrevistas utilizou-se esta ferramenta.

Inicialmente as perguntas feitas aos entrevistados foram: Com se deu a formação de sua comunidade? Por que sua comunidade tem esse nome? Quantos anos de existência possui a comunidade onde você mora? Através dessas perguntas enviadas aos participantes para iniciar o diálogo, obteve-se informações acerca do histórico formativo do lugar, nomes importantes que contribuíram para a comunidade e a motivação toponímica para escolha do nome do lugar. É válido ressaltar que, os nomes de cada morador que colaborou com a pesquisa não serão mencionados, resguardando assim suas identidades. Para identificá-los de alguma forma no texto, foi atribuído a cada um deles um código: colaborador (B1), colaborador (M1), colaborador (P1), Colaborador (R1), que indicam a letra inicial da comunidade e se é primeiro ou segundo entrevistado.

Este trabalho fundamentou-se principalmente nas contribuições teóricas de Dick (1990), (1992), (2013) e Solís (2018) por tratar da Toponímia, disciplina da Onomástica importante para esse estudo; com relação a etimologia dos topônimos utilizou-se os dicionários etimológicos de Cunha (2007), Houaiss (2001) e Holanda (2004). A construção do panorama histórico que situa a região do Jalapão, se apoia na SEPLAN (2003) dentre outros documentos. O território em que as comunidades estão inseridas até o histórico de formação das quatro comunidades quilombolas, destaca-se o papel da memória oral. Isto se justifica pelo fato de não ter encontrado registros escritos precisos sobre algumas comunidades, como As' Quilombolas rios (Rio Novo). Por isso, o papel da memória oral, neste estudo, fundamenta-se nos trabalhos de Halbwachs (2003), Achard (2015).

Destaca-se ainda com relação a construção do panorama histórico que se insere este trabalho, o contexto do ciclo do ouro. Esta parte da história está relacionada de certa maneira ao contexto formativo das comunidades. Para isso, a pesquisa se fundamentou principalmente nas contribuições teóricas de Palacin e Moraes (2008), Parente (2007), Apolinário (2007) e as dissertações e teses relacionadas às comunidades do Jalapão de Santos (2019) e Xavier (2019). Com relação a formação do léxico, está fundamentada principalmente nos trabalhos de Isquierdo e Krieger (2004), Biderman (2001) e (2006), Silva (2014).

As informações recebidas dos moradores e os dados levantados de fontes documentais e bibliográficas foram distribuídos em ficha lexicográfica, conforme o modelo desenvolvido por Dick (1990, 1992). Os topônimos foram fundamentados sob a perspectiva sociocultural, histórica e geográfica como pontuado no modelo desenvolvido por Dick (1990, 1992), que trata dos fatores motivacionais divididos em duas ordens, Antropocultural e de natureza física. Os dados foram distribuídos em ficha lexicográfico conforme o modelo de Dick (2004), e adaptada conforme os propósitos desta pesquisa.

Quadro 3 - Modelo ficha lexicográfico-toponímica

Localização – Município:
Topônimo: _____ A.G.: _____ Taxionomia:
Etimologia _____
Entrada Lexical: _____

Estrutura morfológica:

Histórico: _____
Informações enciclopédicas:

Contexto: _____

Fonte: _____
Pesquisador: _____ Revisor: _____
Data de Coleta: _____

Fonte: Dick, 2004, p. 130 ²

Para análise, os dados com os referidos topônimos das quatro comunidades quilombolas, Boa Esperança, Prata, Mumbuca e Rio Novo (As' Quilombolas Rios), foram distribuídos em ficha lexicográfica-toponímica. A ficha foi adaptada de modo que atenda os propósitos da pesquisa. Nessa ficha, constam as seguintes informações: O Topônimo, formação lexical, a etimologia, o Município e a categoria que pertence, se é de Natureza física ou Antropocultural.

Quadro 4- Ficha Lexicográfica-Toponímica adaptada de Dick (2004)

Topônimo:	Município:
Estrutura Morfológica:	
Etimologia:	
Contexto Histórico:	
Motivação Toponímica:	
Taxonomia:	

Fonte: Adaptada de Dick (2004).

Identificação dos termos:

Topônimo: corresponde ao nome do lugar.

Estrutura Morfológica: indicam, conforme Dick (1992), a estrutura de cada topônimo em topônimo simples, específico composto, específico híbrido, e o processo de formação lexical, composição ou derivação.

Etimologia: são as possíveis origens e significados dos topônimos.

² Essa ficha lexicográfico-toponímico retirado do modelo de Dick (2004), é utilizada para coleta dos dados referentes aos topônimos, contento a categoria taxionômica, município, histórico dentre outras informações. De modo que, os dados específicos colhidos, tornem uma análise mais precisa dos fatores motivacionais.

Taxonomia: trata-se da categoria de classificação que cada topônimo corresponde, sendo de natureza física ou antropocultural.

Motivação Toponímica: corresponde aos fatores reais ou imaginários que motivou a escolha do Topônimo.

Contexto Histórico: refere-se à contextualização histórica a que o topônimo está inserido.

Entende-se que através desta ficha lexicográfica e a consistência dos dados dispostos, a análise foi realizada de forma precisa e clara, substanciada pelo referencial teórico consistente a respeito da Toponímia que levou a compreensão dos fatores que motivaram a escolha dos topônimos Boa Esperança, Prata, Mumbuca e Rio Novo. A partir dos dados dispostos de maneira organizada na ficha serão fundamentais para o alcance dos dados esperados. No próximo capítulo, serão apresentados a análise e discussão dos dados.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentados a análise dos dados colhidos em ficha lexicográfica adaptada do modelo de Dick (2004), apresentando, o topônimo, município, estrutura morfológica, etimologia, contexto histórico, motivação toponímica e taxonomia. Esses termos são referentes aos topônimos de quatro comunidades quilombolas localizadas nos municípios de Mateiros-TO e São Félix-TO, na região do Jalapão. São os topônimos, Boa Esperança, Mumbuca, Prata e Rio Novo. A análise de cada topônimo foi realizada, conforme a interpretação dos dados contemplados em ficha lexicográfica. Quanto à categoria taxonômica em que cada topônimo pertence, a maioria deles, apresentam classificação de categoria diferente, porque tratam de diferentes motivações para suas nomeações. Primeiramente, apresentam-se o quadro com todos os topônimos, e os dados coletados, em seguida, a análise dos dados.

4.1 TOPÔNIMO BOA ESPERANÇA

Quadro 5- Classificação do Topônimo de *Boa Esperança*

Topônimo: Boa Esperança	Município: Mateiros-TO
Estrutura Morfológica: Elemento específico composto por <i>Boa</i> (adj) + <i>Esperança</i> (subst.)	
Etimologia: adjetivo de bom - <i>boa</i> (CUNHA, 2007). De acordo com Houaiss (2007), esperança é um sentimento de quem vê como possível realização daquilo que deseja, representa também expectativa, espera, aquilo do qual se espera algo. É característica dos insetos que apresentam coloração verde como gafanhoto verde. Etimologia <i>esperar</i> + <i>ança</i> provém do latim <i>sperantia</i> , <i>sperans sperantis</i> . Para Cunha (2007), essa palavra vem do verbo <i>esperar</i> , <i>ou seja, aguardar, confiar</i> ter esperanças. ‘ <i>asperar</i> ’ do latim <i>sperare</i> com o tempo mudou-se para desesperação, desesperador, desesperança, desespero, espera e esperança. Conforme Guérios (1981), a palavra esperança é um sobrenome português derivado do latim <i>sperantia</i> de origem religiosa uma das virtudes teológicas.	
Contexto Histórico: A comunidade Boa Esperança teria sido formada a partir da chegada de migrantes vindos da cidade de Corrente no Piauí, e outras pessoas vindas do município de Santa Rita, na Bahia. A comunidade teria aproximadamente 180 anos de existência, o que representaria segundo o morador da comunidade, mais tempo de existência do que a região do Jalapão no qual está localizada (SANTOS, 2019). Para a autora a cidade de Santa Rita na Bahia, se localiza a 250 km do município de Mateiros-TO e aproximadamente 300 km de São Félix.	
Motivação Toponímica: Por causa da comunidade, que a terra trouxe esperança de algo melhor.	
Taxonomia: Natureza Antropocultural- Animatopônimo ou Nootopônimo relativo à vida psíquica e espiritual.	

O topônimo de *Boa Esperança* nomeia a comunidade quilombola situada no município de Mateiros-TO, região do Jalapão. Apresenta estrutura morfológica com classificação composta, porque é um elemento composto por *boa* + *esperança*, uma vez que é constituído por mais de um formador. As partes que o constituem apresentam apenas uma origem linguística, *Bom* apenas adjetivo de *boa*, já palavra *esperança* tem origem latina significa esperar, aguardar, representa também expectativa.

Em sua etimologia, *esperança* deriva do verbo *esperar* aguardar, confiar, ter esperanças do latim *sperantia*. Cunha (2007), acresce que a origem dessa palavra vem do verbo *esperar* e com o passar dos anos evoluiu sua forma até chegar em *esperança*. Possivelmente, originou-se pelo processo de composição, segundo Basílio (1989), é caracterizado pela junção de uma base a outra base, formando assim a palavra composta, expressa em *espera*+ *ança*. Além disso, Guérios (1981), relaciona a palavra *esperança* como sobrenome de pessoas, que possui origens religiosas, uma das virtudes cristãs, em que *esperança* é interpretado como fé em algo ou alguma coisa.

O topônimo *Boa esperança*, encontra-se incluso na categoria taxionômica antropocultural e classificada como Animotopônimo ou Nootopônimo, relativo à vida psíquica e espiritual. Estão inclusos nessa taxa aqueles topônimos que abrangem todos os produtos do psíquico (mente) humano como fato cultural. A classificação desse topônimo, se deve ao contexto histórico da comunidade, no momento de posse da terra, tem-se a *esperança* e expectativa de vida melhor, por parte dos moradores. Conforme Dick (1990), a taxionomia antropocultural reflete o “estudo dos elementos não materiais da atividade humana, opostos às sensações físicas e relacionadas de perto aos sentimentos e desejos do homem”. Em conformidade ao que preconiza Houaiss (2001), *esperança* é um sentimento de quem vê a possível realização daquilo que deseja, relacionando-se ao nome da comunidade.

A motivação toponímica para escolha do topônimo *Boa esperança* refere-se ao contexto histórico da comunidade. Os primeiros moradores sendo migrantes, viajantes e sertanistas, chegaram até o porto do rio Sono e tomaram posse da terra, pois tinham boas condições para o cultivo. Assim, a motivação para a escolha do nome do lugar se deu devido à terra, e as emoções por parte das pessoas que chegaram ao lugar, refletindo na comunidade o sentimento de espera que algo bom iria acontecer.

A partir da memória oral sobre e os relatos dos colaboradores, de seus primeiros habitantes que chegaram ao quilombo. É possível notar que o nome do lugar representa um período marcado de dificuldades e luta pela sobrevivência. O nome da comunidade

traduz esse período de migração e dificuldades, de pessoas fugidas da seca no sertão Baiano. O fato de ser *esperança* significa dizer que boas novas viriam dali em diante, a resistência dessas pessoas fugidos da escravidão ou aqueles das agruras da seca, estão representados no nome do lugar. A partir do momento em que o topônimo reflete os produtos não matérias, mas sim aqueles relacionados ao psíquico (mente) humana, marcado por sensações e sentimentos que o nomeador teve no momento de escolha do nome do lugar.

4.2 TOPÔNIMO MUMBUCA

Quadro 6 - Classificação do Topônimo de *Mumbuca*

Topônimo: Mumbuca	Município: Mateiros- TO
Estrutura Morfológica: Elemento específico simples (subst.) <i>Mumbuca</i>	
Etimologia: A palavra <i>Mumbuca</i> é um substantivo feminino, tem origem tupi <i>*um'muka</i> e que significa abelha, da família dos meliponídeos CUNHA (2007). Conforme o dicionário de Houaiss (2001), também chamada Mumbucão, origem tupi que apresenta vogal variável na sílaba pretônica <i>mambucão, mumbucão e mombuca</i> . A palavra Mumbuca é um substantivo feminino e significa inseto classificado como himenóptero ou meliponídeo que pode ser encontrado na expressão <i>Geotrigona Mombuca</i> ou também mambucão papa-terra (HOLANDA, 2004).	
Contexto Histórico: A comunidade Mumbuca surgiu no final do século XIX, a partir da chegada de famílias de escravos vindos do sertão Baiano. Esses migrantes vieram com o propósito de se instalarem nas margens do rio Sono, que por volta do ano de 1933 ainda chegavam outros migrantes. Os primeiros negros que chegaram nessa região vinham de outros estados, fugidos da seca e a procura de abundância em água para o plantio LOPES (2009).	
Motivação Toponímica: Em razão da quantidade de abelhas do mesmo nome existentes no local, o que deu origem ao nome da comunidade.	
Taxonomia: Natureza Física- Zootopônimo, topônimo de índole animal.	

A motivação Toponímica para a nomeação da comunidade *Mumbuca* refere-se à espécie de abelha comum na comunidade, e por esse motivo os moradores optaram por nomear a sua localidade com o mesmo nome. Essa afirmação fica evidente a partir do histórico formativo da comunidade e o relato obtido pelos colaboradores do lugar, no qual informam que no início da povoação do lugar havia também uma fazenda contendo o nome *Mumbuca*, motivada também pela espécie da abelha, por conseguinte se deu o nome oficial ao lugar.

O Topônimo *Mumbuca* que nomeia a comunidade quilombola situada no município de Mateiros-TO, apresenta estrutura morfológica formada por elemento específico simples, uma vez que é composta por apenas um elemento (subst.) *Mumbuca*. Por sua vez, está inserida na categoria de Natureza Física, e classificada como um Zootopônimo de índole animal, por se tratar de uma abelha. Nessa taxa, os topônimos apresentam aqueles relativos a animais e que são representados por indivíduos domésticos. A espécie de abelha comum na comunidade *Mumbuca* representa um animal comum na natureza e que a partir dele os moradores exploram o mel para o próprio consumo. É também uma espécie social, encontrada em muitas regiões.

Em sua etimologia, a palavra *Mumbuca* tem seu significado correspondente a abelha da espécie denominada meliponídeos. Uma espécie de abelha que pode ser encontrada como pertencente à família dos *Geotrigona Mombuca*, o que representa uma abelha social, comum e que não é tão ofensiva. O fato de ser comum, e se apresentar em quantidade significativa na comunidade *Mumbuca*, demonstra que a partir da relação entre o homem e o meio em que vive (espécie de abelha) é que motivou a nomeação de sua localidade com o nome dessa espécie de abelha. Este topônimo apresenta em suas raízes apenas uma procedência linguística, oriundas do tupi *um'muka*, significando abelha.

Em síntese, compreende-se que o topônimo *Mumbuca* foi nomeado a partir da relação entre o homem e o meio. Entende-se que fatores socioculturais e ambientais próximos da sua cultura bem como a abelha, contribuíram para essa nomeação. Essa afirmação está em conformidade com o que nos informa Dick (1990), um animal representa para uma comunidade não apenas aquele que serve como fonte de alimento. Este adquire papel e significação maior, na medida em que integra relação entre ele e o homem. Essa relação do homem e o meio, se configuram na estrutura linguística de um topônimo, bem como afirma Mello (2013), é no léxico toponímico-onomástico que estão refletidas as manifestações socioculturais, ideologias e a cosmovisão de um povo.

4.3 TOPÔNIMO PRATA

Quadro 7- Classificação do Topônimo *Prata*

Topônimo: Prata	Município: São Félix-TO
Estrutura Morfológica: Elemento específico simples <i>Prata</i> (subst.)	
Etimologia: <i>Prata</i> é um substantivo feminino. Elemento de número atômico 47 ou seja, de cunho metálico, branco, maleável e dúctil. Utilizado em ligas preciosas como moeda <i>plata</i> XVI. Essa palavra provém do latim vulgar <i>*platta</i> , é o feminino de <i>*plattus</i> ‘plano’ que derivou <i>prataria</i> , <i>prateado</i> , <i>pratado</i> , <i>pratear</i> e <i>prateiro</i> (CUNHA, 2007). Significa prata, usado em joias e ornamentos. Aquela que ainda está na terra, em seu estado primitivo; prata nativa muito branco e brilhante. (HOUAIS, 2001).	
Contexto Histórico: Entre os anos de 1830 e 1870 ocorriam as primeiras migrações para o Jalapão, período de revoltas, redução da escravidão, fome e seca na Bahia neste período. Estima-se que a comunidade quilombola Prata teria sua origem nesse período, a partir de migrantes vindos principalmente de Santa Rita de Cássia oeste da Bahia. Segundo relato dos moradores que a comunidade Prata, tem 90 anos ou mais de existência. Os primeiros moradores que povoaram a comunidade vieram dos estados do Piauí e Bahia, em anos distintos, confirmando ser uma das comunidades quilombola mais antigas do Jalapão (SANTOS, 2019).	
Motivação Toponímica: O rio <i>Prata</i> situado dentro na comunidade possui água cristalina “prateada”. Por causa do rio os moradores nomearam a comunidade com o mesmo nome.	
Taxonomia: Natureza física – Hidrotopônimo relacionado à acidentes hidrográficos em geral.	

O Topônimo *Prata* nomeia a comunidade quilombola que está situada no município de São Félix do Tocantins. Esse topônimo, apresenta em sua estrutura morfológica elemento simples, quando possui apenas um formador, nesse caso somente por Prata (subst.).

Encontra-se incluso na categoria de natureza física e classificado como um Hidrotopônimo, por se tratar de acidentes hidrográficos de modo geral, nesse caso o rio “Prata”. O topônimo se inclui nesta categoria porque o córrego *Prata* encontra-se localizado nos limites do “povoado” como os moradores preferem chamar. O rio foi nomeado, a partir da chegada dos primeiros migrantes para o local. Por meio da memória oral, esse fato é narrado pelos colaboradores em que afirmam que primeiro foi nomeado o rio, como Prata, por apresentar água cristalina. Por conseguinte, esse fato levou também a ser o nome do lugar, sendo classificado como um hidrotopônimo.

Em sua etimologia, *Prata* indica objeto metálico, branco, maleável e dúctil, geralmente utilizado em ligas preciosas como moeda, do latim vulgar *plata*. Para Houaiss (2001), está por sua vez também significa prata, usado em joias e ornamentos. Nesse

contexto, está relacionada ao histórico da comunidade, quando se nomeia o rio pelo fato de ser transparente e por esse motivo se origina o topônimo *Prata*. Pode-se dizer também que está em conformidade ao significado da palavra dicionarizada, uma vez que os moradores associaram a cor bonita da água com algo branco aproximado do que é metálico.

A motivação toponímica tem relação direta com o nome do rio que está situado dentro dos limites da comunidade. Os primeiros moradores que chegaram na região do Jalapão, de imediato saíam em busca de água e terras em boas condições para o cultivo. Essas pessoas, ao contemplar o rio de águas cristalinas, decidiram nomeá-lo como “Prata”, associando ao que é branco, prateado, correspondendo a sensação daquelas pessoas ao olhar para o rio. Conforme aponta Santos (2019), esse período migratório teria ocorrido em meados de 1830 e 1870, no qual aconteceram as primeiras migrações para o Jalapão.

Assim, observa-se que em um primeiro momento a motivação para escolha do topônimo esteve relacionado ao estado de espírito ou sensação do nomeador, e os aspectos do ambiente. Uma vez que, está em conformidade com o que preconiza Dick (1990), além dos fatores do ambiente, o processo de escolha do nome, é uma condição subjetiva do denominador, refletindo os aspectos de um determinado estado emocional que o inspirou naquele momento preciso, de contemplação da natureza e do rio.

Destaca-se assim, que influenciaram na escolha deste topônimo, fatores relacionados aos aspectos ambientais e físicos do lugar, o rio. Sendo que, era um cenário próximo à realidade das pessoas que chegavam ao local. A admiração pela cor bonita da água, reflete o estado emocional do nomeador no topônimo *Prata*.

4.4 TOPÔNIMO RIO NOVO

Quadro 8 - Classificação do Topônimo *Rio Novo*

Topônimo: Rio Novo (As' Quilombolas Rios)	Município: Mateiros- TO
Estrutura Morfológica: Elemento específico composto <i>Rio</i> (subst.) + <i>Novo</i> (adj.)	
Etimologia: Provém do latim <i>rivus</i> – <i>ria</i> significa braço navegável do rio, água natural, e possui origens provenientes do castelhano <i>riacho</i> , <i>rivi</i> . A palavra novo significa moço, jovem e original. Provem do latim <i>nōvus</i> , inovação <i>enouaço</i> , <i>emnouaçam</i> , <i>innovator-oris</i> , <i>innovare</i> , <i>noua</i> , <i>novação</i> (CUNHA, 2007). De acordo com Holanda (2004), a palavra rio provém do latim <i>rivu</i> e <i>riu</i> proveniente do latim vulgar. Significa curso de água natural que se desloca de um nível mais elevado para outro mais baixo, aumentando seu volume até desaguar em no mar, lago ou até mesmo	

outro rio. *Novo* provém do latim *novu* e significa que tem pouco tempo de existência, de pouca idade, de pouco tempo, que acaba de ser feito ou adquirido. Holanda (2004), ainda comenta que a palavra *novu* vem do verbo *novar*.

Contexto Histórico: Surgiu assim como as demais comunidades, a partir de migrantes vindos da Bahia. Conforme os relatos dos moradores e as datas que cada morador chegou não é possível indicar com precisão quantos anos tenha a comunidade. Para Lopes (2009), duas famílias de escravos vindas da Bahia se instalaram na região do Jalapão, as margens do rio Sono, fugindo da seca e fome se espalhando pela região do Jalapão. Isto é, a comunidade se formou a partir da chegada de outras pessoas que deram forma ao lugar.

Motivação Toponímica: O Rio Novo localizado próximo a comunidade.

Taxonomia: Natureza física - Hidrotopônimo relacionado a acidentes hidrográficos em geral.

A motivação para o topônimo *Rio Novo* (As' Quilombolas rios) se deu a partir do Rio Novo, localizado a poucos metros da comunidade. O nome oficial no certificado de autoidentificação, é *comunidade de margens do Rio novo, Rio Preto e Riachão*, precisamente por estar as margens do rio Novo. O nome desse rio se deu a partir dos primeiros que chegaram na região do Jalapão, e então colocaram *Rio Novo*, significando que haviam encontrado um novo afluente.

Com relação a estrutura morfológica, o topônimo *Rio Novo* é formado por elemento específico composto, constituído por mais de um formador (subst.) *Rio* + (adj.) *Novo*. Como mostra Basílio (1987) e Monteiro (2002), a composição é um processo bastante frutífero na formação do léxico português, presente na forma linguística do topônimo. Quanto a taxonomia, este é caracterizado como sendo de natureza física e classificado como um Hidrotopônimo relacionado a acidentes hidrográficos em geral, são aqueles topônimos motivados por nomes de cursos d'água, rios e córregos. Primeiro se nomeou o rio, em seguida, a comunidade com o mesmo nome.

Desse modo, os migrantes acampavam na beira de riachos, córregos a fim de povoar o lugar. Para Lopes (2009), as primeiros famílias vindas da Bahia se instalaram no Jalapão, primeiramente as margens do rio Sono, e posteriormente foram se espalhando pela região. Por isso, é um Hidrotopônimo. Os topônimos pertencentes a essa categoria são bastante comuns na toponímia brasileira, já que, como afirma Dick (1990), a água sempre foi fator de equilíbrio nas formações de territórios, uma vez que grandes civilizações, se desenvolveram próximas aos oceanos e cursos d'água em geral.

Em sua etimologia, o significado da palavra *rio* quer dizer curso de água natural, que se desloca em nível mais elevado ora mais lento. Ou seja, desagua no mar, lago ou

outro rio. Já a palavra *Novo* significa o que tem pouco tempo de existência, que acaba de ser adquirido. A partir dessa conceituação, observa-se os motivos para tal nomeação, refere-se a algo novo ou uma nova descoberta, que no caso é o rio. Isto é, essa narrativa se configura no tempo histórico ocorrido pela migração. Conforme Cunha (2007), *rio* provém do latim *rivus braço* navegável ou água natural e *Novo* do latim *nōvus*, determinando a junção de *rio* + *novo* na medida em que é descoberto um novo curso d'água.

Percebe-se que a nomeação do lugar se deve ao fato do rio está localizado próximo à comunidade, que assim derivou o seu nome. Na medida em que os povos chegam a ao Jalapão, o objetivo é encontrar água de fácil acesso. Ao se deparar com um rio, este é nomeado a partir do contexto situacional, e posteriormente, nomeia-se o território. O ambiente interferindo na percepção do nomeador, correlaciona com os aspectos ambientais e socioculturais, indo ao encontro do que informa Dick (1990), a água representa para o homem fator de significação quando oferece condições locomotoras, seus grandes volumes sempre despertaram nas populações verdadeira fascinação. Lembrando também que, é no léxico o que mais se percebe as características ambientais e socioculturais marcadas na língua, em conformidade ao que afirma Biderman (2006) que o homem gera o léxico, como uma forma de registrar o seu conhecimento do universo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo o estudo sobre as motivações para escolha dos topônimos de quatro comunidades quilombolas situadas na região do Jalapão: Boa Esperança, Mumbuca, Prata e Rio Novo. Essas comunidades estão localizadas nos municípios de São Felix do Tocantins e Mateiros TO. Desse modo, foi realizada inicialmente a abordagem relacionada a Toponímia, subárea da Onomástica disciplina que trata dos nomes de lugares em geral, no qual este trabalho se insere. Assim sendo, foi realizado um levantamento histórico baseado no período da comercialização do ouro norte de Goiás no qual o estado do Tocantins ainda fazia parte. Esse período que se relaciona com a formação das primeiras comunidades quilombolas do estado do Tocantins, e conseqüentemente da região do Jalapão.

No que diz respeito a contextualização histórica de cada comunidade quilombola mencionada, destaca-se o papel da memória oral construída a partir da colaboração dos moradores de cada comunidade. Esse método foi utilizado uma vez que essas localidades foram reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares recentemente. Significando dizer que, nenhuma delas possui registro preciso quanto ao seu histórico de formação. Por isso, o que ainda pode ser consultado na tentativa de resgatar esse histórico, são as memórias, artigos publicados que também apresentam poucas informações.

O objetivo geral dessa pesquisa, consistiu na realização de um estudo sobre a toponímia de quatro comunidades quilombolas do Jalapão. De modo que foram investigados, principalmente os fatores linguísticos e ambientais dos topônimos. O intuito é que a partir da realização da pesquisa que ela sirva como registro documental promovendo acesso à informação para gerações futuras da comunidade, sobre origem e história do lugar. Desse modo, a pesquisa buscou contribuir para ampliação do conhecimento sobre a toponímia tocantinense e assim favorecer o reconhecimento de aspectos linguísticos e socioculturais dessas comunidades do estado do Tocantins.

Ao desenvolver uma pesquisa sobre as comunidades quilombolas na região do Jalapão, consistiu em uma tarefa difícil pela falta de informação, quanto aos dados precisos sobre histórico formativo. Por outro lado, este trabalho possibilitou descobertas interessantes sobre a região do Jalapão e as quatro comunidades, selecionadas para o estudo, bem como a constituição linguística e etimológica. Nesse sentido, as informações colhidas serão de grande importância para as pessoas da comunidade e outras que tenham

interesse em saber mais sobre, como se deu a origem e surgimento dessas comunidades quilombolas.

De acordo com a pesquisa e os resultados obtidos mediante a análise dos dados, foi possível constatar que as motivações para a escolha dos topônimos se deram por ordens distintas. Os topônimos *Prata* e *Rio Novo* foram nomeados por causa do rio que fica dentro da comunidade.

De modo que, os dois topônimos caracterizam-se como sendo de natureza física e classificado como um Hidrotopônimo. Lembrando também que o topônimo *Prata* esteve influenciado por fatores psíquicos (mente) e emocionais do nomeador, ao admirar o rio. O topônimo *Mumbuca* foi motivado, conforme relatos dos colaboradores na entrevista, ao seu significado que se refere à uma espécie de abelha comum na comunidade. E o topônimo *Boa Esperança*, motivou-se pelo seu contexto histórico, relacionado ao estado emocional por parte do nomeador. No momento de chegada dos primeiros habitantes, e a contemplação da terra. A classificação taxionômica para *Boa Esperança* é relativo à vida psíquica, significando sensações e emoções de seu nomeador ocorrida naquele momento preciso da escolha do nome.

É importante ressaltar que, as comunidades estudadas, tiveram suas nomeações associadas ao seu período de formação. Ou seja, a comunidade *Rio Novo*, *Boa Esperança* e *Pata*, se formam através da chegada de migrantes. A partir do momento que essas pessoas tomam posse das terras, estes procuram principalmente por córregos e riachos para estabelecer moradia. Nesse contexto, é que o rio *Prata* e *Rio Novo* são nomeados, o que posteriormente irá originar o nome das comunidades. O mesmo ocorre com *Boa Esperança*, que surge pela chegada dos primeiros moradores, e em seguida nomeiam a comunidade pela sensação momentânea. Já *Mumbuca*, formou-se na chegada de migrantes, e foi nomeada por causa da abelha comum no lugar.

A partir da interpretação e análise dos dados, é possível constatar que o questionamento: Por que as comunidades *Boa Esperança*, *Prata*, *Mumbuca* e *Rio Novo* têm esses nomes? proposto no início deste trabalho, foram respondidos, mediante a análise dos dados, foram observados que os fatores socioculturais, físico-ambientais que mais influenciaram nas nomeações dessas comunidades. Uma vez que, os moradores nomearam as comunidades a partir dos aspectos físicos-ambientais, que podem ser evidenciados em *Rio Novo*, *Prata*, *Mumbuca* e *Boa Esperança*. A hipótese formulada no início deste estudo de que, as nomeações ocorreram a partir dos aspectos mais próximos à realidade de cada comunidade. Em sua grande maioria, por aspectos ambientais e

relações socioculturais, foi evidenciada por meio da análise dos dados, que constam essa afirmativa. Além disso, o objetivo geral de investigar os fatores linguísticos, sócio-históricos e físico-ambientais quanto a nomeação das comunidades já mencionadas foi atendido, na medida que foram obtidas as respostas para a nomeação de cada comunidade quilombola.

Conforme o exposto, espera-se que a partir os resultados obtidos nesta pesquisa, este trabalho venha contribuir para o resgate do histórico formativo das comunidades quilombolas da região do Jalapão. Para tanto, que as informações obtidas sirvam para contribuir com os estudos nesta área, ampliando os conhecimentos a respeito do léxico toponímico do estado do Tocantins.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. et al. *Papel da memória*. 4 ed. São Paulo: Pontes editores, 2015.
- APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. *Escravidão negra no Tocantins Colonial: Vivências escravistas em Arraias (1739-1800)*. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2007.
- BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. *Como produzir textos acadêmicos e científicos*. São Paulo: Contexto, 2021.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. *Ciência e cultura*. vol 58, n2, São Paulo Apr/ June 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200014 Acesso em: 17 set. 2021.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CARVALHO, Nely. *Empréstimos linguísticos na língua Portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.
- CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Estudos de onomástica em língua portuguesa no Brasil: Perspectivas para inserção mundial. *Anais*. São Paulo: FFLCH/USP, 2008.
- CUNHA, Geraldo Antônio da. *Dicionário etimológico da língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikom editora digital, 2007.
- DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO *Certificado de autoidentificação da comunidade quilombola de margens do Rio novo pela portaria Nº 87, de 30 de Julho de 2014*. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=31/07/2014&jornal=1&pagina=9&totalArquivos=140>. Acesso em: 28 jan. 2022.
- DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, *Certidão de autoidentificação da comunidade quilombola do povoado Prata e Mumbuca pela portaria Nº 2, de 17 de Janeiro de 2006*. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=20/01/2006&jornal=1&pagina=17&totalArquivos=108> Acesso em: 28 jan. 2022.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do estado de São Paulo, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Os nomes como marcadores Ideológicos*. Acta semiótica et linguística. São Paulo: Editora plêiade, v.7, n. 1 p. 97- 122, 1998.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida

Negrini; KRIEGER, M. G (orgs). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Vol. II. Campo Grande: ed. UFMS, 2004.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia: Coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: FFL / USP, 1992.

ESTADO DO TOCANTINS. *LEI Nº 1.171, DE 31 DE JULHO DE 2000*. Diário oficial nº 958. Cria a unidade de conservação ambiental denominada APA-JALAPÃO. Disponível em: <https://central.to.gov.br/download/43134> Acesso em: 28 jan. 2022.

ESTADO DO TOCANTINS. *SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E MEIO AMBIENTE- SEPLAN, 2003*. Plano de manejo do parque estadual do Jalapão Disponível em: http://gesto.to.gov.br/site_media/upload/plano_manejo/PLANO_DE_MANEJO_DO_P_ARQUE_ESTADUAL_DO_JALAPAO.pdf Acesso em: 28 jan. 2022.

GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. Tradução de Maria Elisa Mascarenhas. 3. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Difel/ Difusão Editorial, 1980.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GUÉRIOS, Rosário Farãni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3.ed São Paulo: Ave Ltda, 1981.

HOLANDA, Ferreira Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua Portuguesa*. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

HOUAÍSS, Antônio et al. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetivo, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (orgs). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Vol. II. Campo Grande: ed. UFMS, 2004.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros. *Metodologia da pesquisa: um guia prático*. Itabuna: Via Literatura, 2010.

LOPES, de oliveira Maria Aparecida. *Experiências históricas dos quilombos no Tocantins organização, resistência e identidades* 2009. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/116> . Acesso em: 28 jan. 2022.

MELO, Janaina Cardoso de. *A cultura xerente e seu artesanato dourado. Patrimônio, memória e registro na região do Jalapão- Tocantins*. Patrimônio e memória. V 10, p. 75 -90, 2014.

MELO, Pedro Antônio Gomes de. *A relação entre léxico e ambiente: um estudo zootopônimo e fitotopônimos de origem indígena designativos dos municípios de Alagoanos*. Revista Ambientale-UNEAL. V 1, p. 9-18, 2013.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PIEL, Joseph Maria. *Origens e estruturação histórica do léxico português*. In: Estudos de Linguística histórica Galego-Portuguesa. IN-CM, Lisboa. p. 9-16, 1989.

PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta S. *História de Goiás (1722-1972)*. 7. ed. Goiânia: UCG, Vieira, 2008.

PALACÍN, Luis. *O século do ouro em Goiás: 1722-1972*. 7 estrutura e conjuntura numa capitania de Minas. 4 ed. Goiânia: ed. EVG, 1994.

PARENTE, Temis Gomes. *Fundamentos históricos do estado do Tocantins*. 3.ed. Goiânia: UFG, 2007.

PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL. *Caderno de saberes e fazeres quilombolas: Comunidade quilombola de Boa Esperança, Carrapato, Formiga, Mata, Ambrósio, Povoado Prata e Barra da Aroeira*. Jalapão, 2020.

RIO-TORTO, Graça. O Léxico: Semântica e gramática das unidades Lexicais. *Estudos sobre Léxico e gramática*. Coimbra: CIEG/FLUC, 2006.p. 11-34.

SANTOS, Cláudia Borges dos. *De fraco a forte: Estratégias políticas dos movimentos quilombolas no Tocantins*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade de Brasília. Brasília, 2019.

SILVA, Valnoisa Alves; DIAS, Ana Lourdes Cardoso. *Falares e Saberes dos idosos quilombolas da Comunidade Boa Esperança*. In: DIAS, Ana Lourdes Cardoso Dias (orgs). *“Palavras” do Tocantins: Nos campos da semântica*. 1 ed. São Carlos: De Castro, 2021.

SILVA, Maria Dnalda Pereira da. *O estudo do léxico no livro didático de língua Portuguesa: Repensando as práticas de ensino*. Monografia (especialização em língua portuguesa princípios organizacionais da língua e funcionamento textual) UEP. Campina Grande, 2014.

SOLÍS, Gustavo Fonseca. Prefacio. In: Maria Suely de; CASTRO, M. C. D. de; DIAS. C. D. *Onomástica e a identidade do homem*. Goiânia: Imprensa Universitária, 2018.

XAVIER, Adonias Jonathas. *Comunidades Quilombolas no Jalapão- TO e os territórios e identidades territoriais: Carrapato, Formiga e Ambrósio*. Dissertação (Pós- Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins) UFT Porto Nacional, 2019.